

urbos

Temas urbanos • Uma publicação da Associação Viva o Centro • ano XII • nº 48 • out-nov-dez-2008 • R\$ 6

São Paulo,
cidade de todos



A marca mais valiosa da América Latina é brasileira.



A Interbrand é uma das consultorias globais de marcas mais respeitadas do mundo. Com sede em Nova York, avalia as marcas mais representativas em diversos países. Agora, pela primeira vez na sua história, a Interbrand realizou uma pesquisa para identificar a marca de maior valor de toda a América Latina. Entre todas as marcas, de todas as categorias, o Itaú foi apontado como a marca mais valiosa. Quando se vê os resultados do Itaú é fácil entender a razão para tantas conquistas: é o Itaú fazendo o melhor banco para você.

- Melhor banco dos últimos 20 anos (Latin Finance)
- Empresa melhor administrada da América Latina - categoria Bancos (Euromoney)
- Uma das melhores empresas para trabalhar no Brasil (Exame/Você S/A, Época/Great Place to Work)
- Melhor gestor de fundos (Guia Exame de Investimentos Pessoais)
- Único banco da América Latina presente no Índice Dow Jones de Sustentabilidade desde sua criação
- Empresa dos Sonhos - única instituição financeira entre os 10 primeiros colocados na pesquisa realizada pela Cia. de Talentos com 30 mil jovens.

URBS é uma publicação trimestral da Associação Viva o Centro.

Editor: Jorge da Cunha Lima. **Produção**

e edição: LDC Editora e Comunicação Ltda.

Rua das Cinco Pontas, 1023. Cotia - SP.

Tel: 11 4702-8331. **Diretor:** Domingos

Crescente. **Edição de texto e reportagem:**

Patrícia Dantas. **Jornalista responsável:** Patrícia

Dantas (MTb: XXXXX-X). **Projeto**

gráfico: Kátia Oliveira. **Arte:** Maria Clara Sato.

Colaboradores: Rafael Araújo, Stella Christina

Schrijnemaekers, Nelson Rodrigues da Silva,

Fernando Lanzer, Marcio Scavone, Rosangela

Hilário, Maria Cristina Cacciamali.

Impressão: Garilli

Tiragem: 12.000 exemplares. **Redação,**

administração, circulação e assinatura: Rua

Líbero Badaró, 425 – 4º andar. CEP 01009-000

São Paulo – SP, Fone: (11) 3556-8959. **Redação:**

redacao.urbs@vivaocentro.org.br. **Assinaturas:**

www.vivaocentro.org.br/assinaturas.

O conteúdo desta publicação não representa

o posicionamento da Associação Viva o Centro.

Os artigos publicados expressam

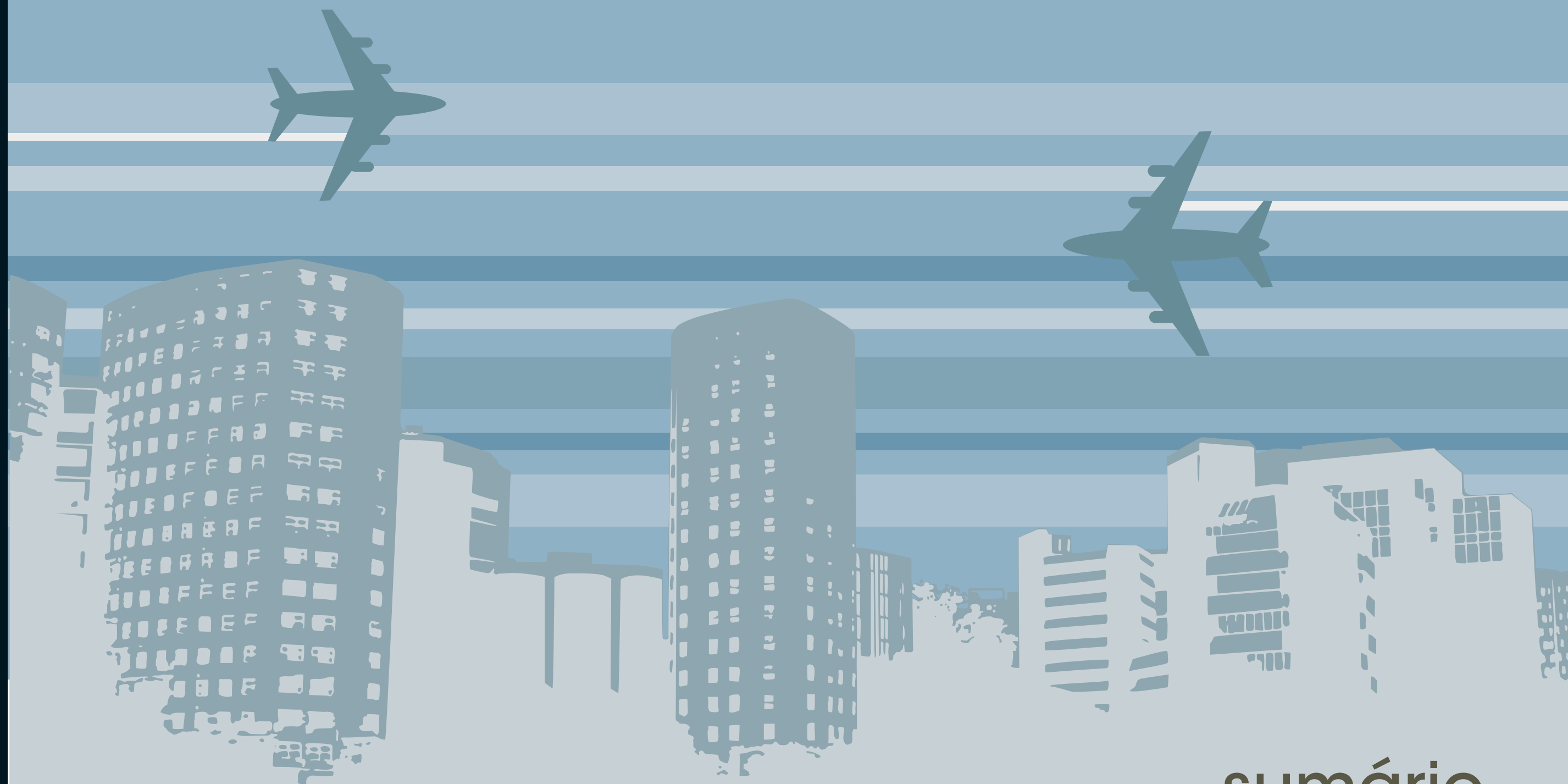
tão somente a opinião de seus autores.



Viva o Centro
São Paulo

Patrocinadores desta edição:

Itaú



7 Editorial

São Paulo, Caldeirão de Povos.

8 Ensaio

A Cidade Antropofágica

14 Culinária

A culinária: da tapioca ao filé com fritas

20 Artes

As artes: a contribuição dos artistas imigrantes

28 Internacional

A imigração nos países desenvolvidos

32 Artigo

São Paulo, cidade do mundo

38 Grande Angular

O bairro da Liberdade por Marcio Scavone

44 Reportagem

Os novos imigrantes

58 Resenha

Brás, sotaques e desmemórias

60 Livros

sumário

Cuidar, preservar e devolver
o Centro para os cidadãos.
A Nossa Caixa trabalha muito por essa idéia.



Fotos cedidas pela Associação Viva o Centro.

A Nossa Caixa é o banco de São Paulo. Nasceu no Centro da cidade, cresceu, conquistou o interior e, junto, a admiração de todos os paulistas. Mas a sede, vários outros prédios administrativos e operacionais, e centenas de funcionários da Nossa Caixa continuam lá, no coração da cidade. Trabalhando e ajudando a cuidar de uma região de importância histórica para o Estado e todo o País. Viva o Centro.

A Nossa Caixa é membro da Associação Viva o Centro. Conheça mais acessando o site: www.vivaocentro.org.br

Nossa Caixa
Mais que um banco. O Nosso Banco.



Centro, pólo de diversidade e multifuncionalidade

Uma das características marcantes da área central de São Paulo – que inclui, além do Centro Histórico, bairros como Liberdade, Bom Retiro, Brás e Bela Vista, entre outros – é sua capacidade de atrair pessoas de todas as profissões, níveis econômicos e interesses. Esse poder de atração é consequência da multifuncionalidade e diversidade que caracterizam a região. O Centro, a um só tempo, é um *locus* financeiro, comercial, histórico, governamental, educacional, turístico, habitacional e cultural da cidade.

Por conta disso, o Centro sempre foi – e ainda é – um pólo de atração de fluxos migratórios oriundos das mais diversas regiões do mundo, que se agregaram aos povos fundadores: indígenas do lugar, colonizadores e escravos trazidos da África. Talvez o exemplo mais clássico desse direcionamento dos fluxos migratórios iniciados em meados do século XIX esteja no Bairro da Liberdade, com a maioria da população de origem japonesa, mas também chineses, coreanos e até vietnamitas, com larga oferta de gastronomia e produtos orientais.

Outros exemplos dessa atração são o bairro do Bom Retiro, inicialmente habitado por imigrantes italianos e, após a I Guerra Mundial, por imigrantes judeus, gregos e armênios, e a região da 25 de Março, onde sírios, libaneses e egípcios se estabeleceram. Hoje o Bom Retiro é ocupado majoritariamente por imigrantes coreanos que se dedicam à indústria e ao comércio da confecção e é também local de trabalho, até ilegal, de novos imigrantes, como os bolivianos, que também se espalham pelo Pari. Na atualidade, os judeus concentram-se na Consolação e Higienópolis.

Bela Vista, Mooca e Brás ainda hoje são áreas centrais habitadas por imigrantes italianos e seus descendentes, com suas cantinas típicas e festas populares. Além desses, e espelhando a própria cidade, o Centro reúne portugueses e espanhóis e, mais recentemente, também peruanos, chilenos, argentinos, uruguaios, paraguaios e colombianos, assim como angolanos, nigerianos e moçambicanos.

O convívio entre todos esses povos, estratos sociais e indivíduos – tão vital para a civilidade em qualquer época –, produziu um amálgama especialmente rico. No Centro de São Paulo, assim como em toda a cidade, não há um povo único e sim um composto, com a diversidade

cultural revelando-se um dos mais importantes traços da identidade paulistana.

A diversidade e a multifuncionalidade, aliadas à ampla oferta de infra-estrutura urbana, fazem do Centro uma área de atração para trabalhadores dos mais diversos setores e também estudantes, empresários, profissionais liberais, comerciantes e turistas de todas as origens, inclusive de outros bairros e regiões da própria cidade. No Centro há sete estações de metrô, três grandes terminais de ônibus e duas estações ferroviárias. Cerca de 20% da movimentação diária de pessoas na cidade tem como destino a região central.

O fecundante encontro de raças, culturas, crenças e idiomas, acrescido das correntes de migrantes brasileiros que se estabeleceram no Centro, reproduzem e reforçam na região o cosmopolitismo de São Paulo. A cidade experimenta o final de um ciclo predominantemente industrial e o início de outro, o da expansão dos serviços. Pluralidade, heterogeneidade e variedade compõem o seu perfil. São poucas as metrópoles do mundo com bairros característicos de um povo ou etnia, mas sem a opressividade dos guetos.

Não sem razão, estão no Centro os principais equipamentos culturais paulistanos e unidades das mais tradicionais e importantes instituições de ensino do país. Há na região 120 bibliotecas, entre elas a Mário de Andrade; 79 salas de teatro e de concertos, como o Teatro Municipal e a Sala São Paulo; 37 museus, entre eles a Pinacoteca do Estado e o Museu do Imigrante; 18 centros culturais, sendo um deles o Centro Cultural Banco do Brasil.

A Associação Viva o Centro empenha-se não apenas em preservar a característica de multifuncionalidade da área, como também se preocupa, antes e acima de tudo, em manter o imenso patrimônio representado pela diversidade que abriga, procurando sempre valorizá-la e difundi-la, pois faz parte da essência da democracia e da cidadania. E porque é isso, também, que faz do Centro o espaço público por excelência da metrópole paulistana.

*Marco Antonio Ramos de Almeida
Superintendente Geral da Associação Viva o Centro*

A cidade antropofágica

O caráter antropofágico de São Paulo – que assimila todas as influências dos imigrantes que aqui desembarcam e, com isso, se fortalece – está presente em todas as áreas de atividade: na cultura, na economia, no trabalho, na arquitetura, na gastronomia. Neste artigo, Rafael Araújo fala sobre o significado sociológico da palavra antropofagia e aplica esse conceito a São Paulo

Por Rafael Araújo ()*



Foto: Daniel Crescente

Cenários paulistanos abrigam grandes diferenças sociais

Ainda me assombro com a série de pinturas de Anselm Kiefer sobre a cidade de São Paulo. O artista alemão, ao conhecer a metrópole, ficou horrorizado. Para retratá-la, teve de lançar um olhar do alto, como um deus faz sobre sua criação. De helicóptero, Kiefer fotografou a cidade. E pela fotografia, o artista registrou seu olhar sobre a metrópole. Do céu, São Paulo lhe pareceu a cidade da solidão, homogênea, coerente, geométrica. Lá de cima não pode ver a

vida que corria pelas ruas – traços uniformes de um imenso plano cartesiano. A esse olhar sobre a cidade, Kiefer correspondeu a mitologia de Lilith, a protetora das cidades desertas, solitárias, e associou seu nome a São Paulo. Lilith foi a primeira mulher de Adão, antes de Eva. Rebelde, vendo-se inferior a Adão, passou a devorar suas crias para permanecer em competição e igualdade com o primeiro homem. Lilith é o retrato da destruição e, ao mesmo tempo, dotada

de infinita beleza e sedução. Parece-me uma boa metáfora para tratarmos o caráter antropofágico de São Paulo.

A antropofagia pode ser encarada como o ato devorador canibal, mas também como referência ao movimento literário da geração de 20, que passou a valorizar os elementos da brasilidade assimilando-os aos movimentos de vanguarda européia. Tratar uma cidade como antropofágica implica re-

conhecer um caráter devorador que aponta para duas possibilidades. Primeiro, a cidade seria o lugar da antropofagia na medida em que abriga uma infinidade de pessoas e costumes. Seus habitantes encontrariam nela a possibilidade de dinamizar seu universo simbólico pela permuta de valores e por uma competição típica de cidades com vocação para o capital. É isso que vemos quando os governados procuram mostrar-se virtuosos no domínio da fortuna ao percorrerm

as ruas. As outras pessoas que são encontradas nas ruas solicitam certo tipo de conduta e sugerem reações e construções simbólicas. Nesse momento, quando um indivíduo depara-se com outro, é obrigado a devorá-lo, seja reagindo a uma expectativa de ação e construindo assim sua personalidade, seja tratando o outro como um adversário explícito, que deverá ser manipulado, interceptado, destruído. Diante do diferente, seja ele o imigrante, o mendigo, o infrator, os cidadãos podem valer-se de um repertório de estereótipos construídos ao longo da vida e passam a lidar com o outro pelo que imaginam representar. É possível então que haja uma conduta que vise à aceitação. Nesse caso, as pessoas tentam ser o que imaginam que o outro quer que elas sejam. A representação do eu implicará uma construção simbólica que vai requisitar do cidadão a assimilação de características novas. Trata-se, portanto, de um tipo de antropofagia.

Mas é possível também que, diante do diferente, a conduta do cidadão seja hostil. Nesse caso, o outro precisa ser

devorado rápido para que não represente uma ameaça. É assim que podemos entender o racismo e as condutas preconceituosas que, pela intolerância, não suportam o diferente. Esse tipo de devoração não visa a um alimentar-se do outro, mas um eliminar o outro de qualquer forma para manter-se vivo.

A segunda possibilidade implica considerar a cidade, ela própria, como a devorante. São Paulo seria como Lilith, uma devoradora de suas crias, o que a faria solitária. Sua solidão implica um modo de existir, que Baudelaire já intuía em “As flores do mal”. Para entender esse caráter da cidade temos de considerá-la a partir do contexto de implosão e explosão da industrialização. Assim como descreve Henri Lefèbvre, em seu clássico “A revolução urbana”, as cidades contemporâneas viveriam uma crise, fruto de um processo que teria início nas primeiras cidades políticas e culminaria com a industrialização e suas conseqüências. Da mesma maneira que as cidades industriais serviram de pólo atrativo

para distintas populações, o acúmulo de habitantes somado à insuficiência de infra-estrutura seria responsável pela explosão de uma crise materializada pela miséria, caos, periferias, violência. É assim que podemos sentir a cidade nos devorando, sugando nossas energias e potencialidades para manter-se viva. Um trabalhador pode muito bem se sentir um bolo alimentar ao enfrentar seu cotidiano de produtor-consumidor. Não se trata apenas de uma metáfora explicativa. Trata-se de um fenômeno vivido pelos homens, especialmente em cidades como São Paulo, cujas características incentivam a distinção de classes, a desigualdade social, a geografia que mantém os fluxos produtivos e simbólicos.

Por outro lado, esse aspecto antropofágico da cidade pode ser visto de maneira positiva, na medida em que põe em convívio diferentes culturas e torna possível um modo cosmopolita de ser. É possível enxergar nesse aspecto a força de preservação da cidade. Na medida em que cresce e se modifica, a variabilidade de olhares que resulta do intercâmbio de vivências permite aos cidadãos resistir às forças da modernidade e da industrialização.

A cidade concreta e a sua imagem

Vale lembrar que, de todas as características da cidade, é a presença dos meios de comunicação de massa em seu cotidiano que mais contribui para seu caráter antropofágico. Existem duas cidades distintas, a imagem de São Paulo construída pela mídia e a São Paulo vivida, sensível aos cidadãos.

Se uma cidade é feita pelas pessoas, suas vivências, seus cotidianos, suas expectativas, seus desejos, compreende aquilo que anima a cidade. Descrever São Paulo implica descrever as diferentes culturas que a compõem, é entrelaçar os desejos e sofrimentos de seus habitantes, entender seus fluxos e os processos que orientam a dinâmica das ruas. Segundo Michel de Certeau, o habitante refaz a cidade enquanto a percorre, atribuindo-lhe sentidos novos, conspirando para que seus equipamentos, monumentos, espaços públicos sejam reapropriados, ressignificados. Nesse processo, é claro,

“Esse aspecto antropofágico da cidade pode ser visto de maneira positiva, na medida em que põe em convívio diferentes culturas e torna possível um modo cosmopolita de ser.”

utiliza-se de concepções próprias, opiniões constituídas, significados desenvolvidos sobre fatos, pessoas e lugares. Se for verdade que o cidadão requer todo esse repertório de sentidos para conceber a cidade e construí-la como um habitat, então precisamos prestar atenção à maneira como esse repertório é criado.

Sabemos que os meios de comunicação de massa fazem parte da vida dos habitantes da metrópole, seja pelos momentos de lazer, seja pela informação que nos encontra onde quer que estejamos. Então é razoável avaliar que os meios de comunicação de massa são responsáveis por boa parte das informações que temos sobre a cidade. É assim que, às vezes, tomamos conhecimento de fatos ocorridos em lugares da cidade em que jamais estivemos. A mídia eletrônica trouxe essa possibilidade. Somos capazes de descrever, com detalhes, algumas das características de regiões que não conhecemos pessoalmente. Mas se os meios de comunicação de massa foram responsáveis por ampliar nosso repertório de conhecimento, temos de atentar para o fato de que se trata de um repertório de superfície. O resultado desse processo é que os cidadãos podem fazer uma imagem da cidade distante da cidade vivida e, sendo a opinião pública formada dessa maneira, corre-se o risco de se criar vontades políticas a partir da imagem da cidade e não da cidade vivida, concreta.

Nesse aspecto reside um perigo imenso. Quando a imagem da cidade devora a cidade concreta vemos a possibilidade de intervenção do Estado a partir de uma opinião pública construída, que muitas vezes é resultante do senso comum. A cidade construída pela mídia acaba por resumir-se em



A desordem do espaço urbano cresce e se modifica diante do intercâmbio de vivências.



A mídia influencia a percepção dos moradores da cidade



As ruas de comércio popular atraem consumidores de todo o país

alguns poucos minutos. Muitas vezes a parte é tomada pelo todo e julgamos que a cidade inteira cabe numa tela. Diante desse fato, as expectativas dos cidadãos são refeitas e reagrupadas aos novos contextos da economia e da política, tais como são apresentados pela mídia de massa. Os próprios habitantes requisitam do Estado intervenções diretas no espaço e nos fluxos cotidianos. As biopolíticas passam a atuar sobre os corpos, controlando-os, reordenando-os de modo que, em determinado momento, fique claro quais são os filhos pródigos e quais são os filhos que já não devem pertencer à cidade, como se já não merecessem o aconchego do lar.

Devoradora de crias

A mãe que devora suas crias parece encontrar uma nova forma de livrar-se dos corpos indesejados. Mas sob esse aspecto, a antropofagia aponta para uma conseqüência a ser considerada: a cria devorada pode ser indigesta. A assepsia que muitas vezes requeremos do Estado, que muitas vezes faz parte de nossa visão limitada de paisagem, é fruto de um desejo irresponsável de cidade.

Quando a devoração resulta num eliminar, num tornar homogêneo, o que estamos fazendo é a destituição da multiplicidade da cidade. Ao destituí-la do múltiplo, tornamos a cidade frágil, vulnerável. O que quero dizer com isso é que a cidade, como um organismo vivo, precisa da diversidade para perpetuar-se; do contrário, o impulso devorador torna-se autofagia. As políticas higienistas são a imagem sacrílega de um ideal banal que quer fazer viver uma cidade dos sonhos, que não tem lugar num sistema capitalista. Uma cidade que se realiza em sua vocação para a produção e o consumo requisita de seus habitantes um constante estado de competição e conflito.

Ora, se desejarmos uma cidade de iguais, estaremos eliminando a essência dinâmica de sua organização. Estaremos efetivamente buscando uma não-cidade. Por outro lado, não podemos rejeitar as biopolíticas que ampliam a expectativa de vida e reduzem a mortalidade. Queremos fazer notar nossa vocação para o trabalho como aquilo que nos dá dignida-

de. Esse é o discurso afinado com a realidade sistêmica de São Paulo. A cidade do capital, que não deve ser impedida de expandir-se, mesmo que sua expansão seja aproveitada por poucos. É curioso pensar assim, porque sempre nos incluímos nessa minoria eleita, nos identificamos com o filho pródigo, com a cria que se alimenta sem ser devorada.

Mas Lilith devora a todas as crias. Trata-se de uma situação insuportável. Então o melhor é ignorá-la. O horror que nos causa a cidade desigual, com seus filhos sendo devorados em relações predatórias, refere-se a uma cidade insuportável que precisa ser negada.

Em geral, o que temos é uma visão romântica de cidade que se confunde com um mundo sem desigualdades, com cidadãos sintonizados que tenham desejos e vontades semelhantes, hábitos em harmonia, com uma ecologia feita apenas de cooperação. Talvez encontremos uma cidade assim num outro mundo. São Paulo parece mesmo ser Lilith, mas isso não precisa ser encarado com horror. No momento em que devora seus habitantes, a cidade está se refazendo. É assim que a metáfora poderia ser repensada ao atentarmos para Lilith como uma devoradora, mas ao mesmo tempo como criadora.

Quando queremos eliminar as diferenças e materializar a cidade ideal, corremos um risco destrutivo. Aqui, a própria cidade concreta é devorada, cedendo lugar a uma cidade impossível. Mas quando a cidade devora seus cidadãos de forma a refazê-los, o resultado é produtivo, reflete a dinâmica típica da cidade cosmopolita, que é permanentemente fluxo. São Paulo não é essencialmente feita de ruas e prédios, mas de pessoas. Sua riqueza consiste justamente no somatório de olhares e vivências que encontramos em seu espaço. O processo de devoração é, portanto, exatamente aquilo que alimenta e permite realizar o processo de criação de suas particularidades e, por conseqüência, de constituição da cidade.

**Rafael Araújo é professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), e faz doutorado em Ciências Sociais.*



“ São Paulo não é essencialmente feita de ruas e prédios, mas de pessoas. Sua riqueza consiste justamente no somatório de olhares e vivências que encontramos em seu espaço. ”



Foto:

A culinária: da tapioca ao filé com fritas

A cidade devora influências estrangeiras, adota as esfihas, o hot-dog, o macarrão... Mas nos devolve todas as influências revistas e ressignificadas, repletas de contribuições regionais, como o “dogão completo”, o macarrão com carne seca, ou as esfihas de lingüiça calabreza e de frango com milho.

*Por Stella Christina Schrijnemaekers**

Durante muito tempo, os índios antropófagos foram vistos quase como animais. Hoje, sabe-se que o consumo de carne humana por parte de algumas tribos, nada mais era do que um ritual para a alma. Come-se o corpo para se chegar à alma, ou algo semelhante à alma: o espírito. De qualquer forma, não se comia o outro para saciar a fome. Pelo menos, não a fome por alimento. Mas sim a fome pelas qualidades do outro, qualidades essas que se pensava ser possível adquirir pela literal deglutição do outro.

Daí, a denominação selvagem para rotulá-los. Selvagens, pois viveriam à beira da animalidade. Selvagens, pois quase não eram vistos como seres humanos. Selvagens,

pois eram vistos como sendo extremamente primitivos. Durante muito tempo o termo antropofágico teve essa conotação pejorativa, a de uma atividade exercida por homens selvagens.

Mas em 1928, Oswald de Andrade utilizou o termo antropofágico para refletir sobre a cultura brasileira e a sua proposta artística e o mesmo adquiriu uma conotação positiva. Oswald, ele próprio um antropofágico das letras, devorou o antigo conceito, mastigou-o e transformou-o em característica positiva. Assim, a antropofagia, aquele termo que causava repulsa e horror, transmutou-se em característica positiva da nossa cultura.

Usado para pensar o Brasil, será possível falar em São Paulo como cidade antropofágica? Será essa uma boa metáfora para uma reflexão sobre a cidade de São Paulo? Creio que sim. São Paulo nos devora e é devorada por nós. E é nesse ir e vir, nesse comer e ser comido, que ela surge na sua positividade: como cidade que abriga interesses, os mais diferentes, e grupos, os mais diversos.

Já se falou que a cada dia uma casa nova é construída em São Paulo. Mas o que se sabe e o que se sente, com certeza, é que, de demolição em demolição, de construção em construção, os novos empreendimentos são, na maioria das vezes, maiores e mais altos do que os anteriores. Quase

como os dentes de um tubarão. Quando cai um, outro rapidamente nasce para tomar lugar daquele que caiu.

Síntese de povos das mais longínquas origens, ela nos deglute e é deglutida por nós. De cidadezinha provinciana até 1870, São Paulo foi engolida por milhares de imigrantes e migrantes. Levas e levadas de pessoas de diferentes países e de outras regiões do país vieram com o sonho de se apropriar um pouquinho de tudo o que a cidade pode oferecer de bom. Mas São Paulo, como boa devoradora, também devorou de alguma forma todos que aqui chegaram. Foram portugueses, índios, negros, italianos, gregos, espanhóis, judeus, coreanos, alemães, russos, franceses, ingleses, japo-



“ O hotdog já não tem nada da parcimônia protestante norte-americana. Agora, vale a exuberância tropical: ervilha, milho, purê, maionese, cheddar, vinagrete etc. ”

A comida do imigrante foi adaptada ao gosto do paulistano. Em alguns casos, o original ganhou novas versões e agrada o paladar dos menos exigentes.

neses, chineses, bolivianos, só para citar alguns. Sem falar nos baianos, piauienses, pernambucanos, mato-grossenses, cearenses, e tantos outros que também aqui aportaram.

Da tapioca ao filé com fritas

Desse amontoado de povos, línguas e culturas, o que nunca se tem é a repetição do antigo ou a perpetuação de uma tradição. Mas sim, a resignificação da tradição frente aos nossos interesses e gostos. Pura antropofagia cultural. E um dos exemplos mais claros e significativos dessa antropofagia cultural está na culinária paulista.

Começamos pelos índios, portugueses e negros. Cada qual deu sua contribuição à alimentação do paulista. Uns mais elitistas, como o caro bacalhau português. Outras mais populares, como as inúmeras barracas de tapioca espalhadas pelas saídas das estações de metrô, dos terminais rodoviários até nas portas de faculdades e escolas. Tapiocas recheadas, inclusive com o nosso catupiry, genuinamente brasileiro. Comum em outras regiões do país, a tapioca era comida quase que só nas casas dos migrantes. Mas, com o passar do tempo, se somou a outras alternativas de comida de rua.

Junto às barracas de tapioca não é difícil encontrar o famoso carrinho de churros – especialidade espanhola encontrada em toda a cidade. Só no terminal rodoviário de

Santana têm um carrinho em cada ponta de plataforma de ônibus somando, no mínimo, dez carrinhos! Isso tudo num só quarteirão!

A chamada baixa gastronomia mostra muito bem essas relações. O cachorro quente, cujas origens são norte-americanas, ‘paulistou-se’ – se me permitem a brincadeira com as palavras – e virou quase uma refeição completa. Quando veio para cá, era servido apenas com mostarda e batata chips. Hoje, por R\$ 1,50, é possível comer um ‘dogão’, com até duas salsichas. Nada mais da parcimônia protestante norte-americana. Mas agora com a exuberância tropical: ervilha, milho, purê, maionese, cheddar e vinagrete. São só alguns dos possíveis ingredientes, nos quais o preconceito não tem vez. Tudo pode ser usado para compor o bem dotado ‘dogão’.

Além disso, há o mais famoso de todos. O tão criticado, quanto adorado, churrasquinho grego. Comida típica dos povos do oriente médio – não só dos gregos, o kebab só voltou a ser feito de carneiro nas versões chiques que agora podem ser encontradas nos bairros de Pinheiros, Cerqueira César e Itaim. Mas o bom e velho churrasquinho grego do Centro, leva praticamente todo tipo de carne, menos a de carneiro. E o pão? É o nosso querido pão francês, que de francês não tem nada, como se sabe.

A esfiha, também típica do oriente médio, foi aqui devorada e refeita. Pode-se até comer a tradicional de carne ou zatar. Mas a essas se somam as de calabresa e a de frango com milho, entre outras.

Primas da esfiha – a fogazza (quase uma esfiha frita), a saltenha e a empanada (quase esfihas fechadas) – mostram outras combinações gastronômicas trazidas de outros povos e resignificadas por nós. A fogazza foi trazida pelos italianos. É presença certa em qualquer festa junina, que hoje serve até o tempurá e o yakisoba dos japoneses. Já a saltenha – versão mais molhada das empanadas argentinas – cada vez mais popular, graças à presença dos bolivianos em São Paulo.

E o macarrão? Trazido pelos italianos, mas adorado por todos, está presente tanto nos mais caros restaurantes da cidade como nos botecos, os mais sujos. Ele pode ser degustado com os mais diferentes molhos e recebeu diferentes recheios, como nossa carne de sol. Receita nossa!

E a combinação única de arroz, feijão e macarrão, que tanto agrada ao paladar popular, é indiscutivelmente nossa. Arrepiam os cabelos dos espíritos mais ortodoxos. O bife com batatas fritas era prato dos ingleses. Mas aqui passou a servir de companhia para o arroz com feijão.

Não é possível também deixar de lado as pizzas que foram aprimoradas pela nossa criatividade e hoje recebem os mais

diferentes recheios doces e salgados. Desde queijos franceses, como o Camembert ou o presunto cru italiano, até o doce de abóbora e o brigadeiro podem servir de recheio.

O mais interessante é verificar que, quando uma nova iguaria é introduzida, as outras não deixam de existir. Por isso, se São Paulo é a cidade das pizzarias, é também a cidade dos restaurantes chineses, das esfihas e dos restaurantes japoneses.

De qualquer forma, o que interessa aqui não é fazer um inventário de todas as comidas retrabalhadas e incorporadas pelos paulistas, mas sim lembrar de algumas delas. Os mais simples e, às vezes, mais gostosos dos nossos experimentos antropofágicos gastronômicos.

Portanto, é muito provável que eu tenha me esquecido de alguns e não tenha sido justa com tantos outros. Mas acredito que o pequeno texto provocou aquela fome que nos consome. Não apenas a fome pelos alimentos, mas nossa fome antropofágica de retrabalhar e resignificar elementos estrangeiros de modo a incorporá-los na sua cultura e assim torná-la cada vez mais rica, cada vez mais única.

**Stella Christina Schrijnemaekers é Bacharel em Sociologia, mestre em Sociologia e docente no curso de Sociologia e Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).*

Gastronomia: em constante mutação

A gastronomia é uma atividade econômica muito importante em São Paulo. A cidade tem mais de 12,5 mil estabelecimentos que representam 55 diferentes tipos de cozinha, movimentando cerca de cinco bilhões de reais todos os anos.

Especialista no assunto, o arquiteto e jornalista Silvio Lancellotti lançou o livro "500 Anos de Gastronomia em Terra Brasilis", no qual aborda a questão da comida dos imigrantes. De acordo com a publicação, a qualidade da culinária no Brasil começou a melhorar por volta de 1810, depois da chegada da família real de Portugal. "Naquela época, o cardápio de refeições era restrito a alimentos como a mandioca, feijão, milho e carne de porco", enumera.

Passados 200 anos, o Brasil – mais especificamente o estado de São Paulo – recebeu levadas e levadas de imigrantes franceses, italianos, alemães, entre outros tantos que por aqui deixaram boas contribuições. Massas, tortas, pastéis, quibes, patês são alguns dos poucos exemplos que dariam para recheiar diversas páginas da revista.

Com toda essa herança, o hábito alimentar do paulistano se tornou bastante diversificado. Embora a qualidade de oferta de alimentos seja melhor, o tempo dedicado às refeições perdeu espaço na agenda de quem precisa cumprir a carga

horária de trabalho. "Talvez não se almoce em casa, como era de costume até por volta de 1970. Mas o jantar continua, no mínimo, interessante", argumenta Lancellotti.

O surgimento de supermercados e a oferta de muitos produtos que antes eram de preparo doméstico, como a maionese, de receita alemã, por exemplo – compensaram de certa forma a falta de tempo, gerando um mercado de consumo para todos os níveis sociais.

Seja pela vinda dos imigrantes ou abundância de produtos industrializados, a culinária é um vasto campo de experimentos. Na cozinha contemporânea, a moda da globalização permite a fusão de diferentes tradições. Sorvete de pimenta ou de café com pedaços de hortelã pode virar a sensação do próximo verão. Estaríamos varrendo para debaixo do tapete o legado da comida típica que os imigrantes deixaram para nós? "Em São Paulo, sobrevive uma variedade muito generosa de etnias culinárias. Eu vejo a gastronomia como uma entidade em permanente mutação. Os chefes, atualmente, são quase alquimistas, trocaram o empirismo pelo estudo, o improviso pela técnica. Respeitam muito mais a personalidade e o caráter das matérias-primas. E isso é ótimo. Mas de todo modo, sou visceralmente contra as invenções e os modismos", argumenta.

Impossível prever os rumos da culinária paulistana. O feijão com arroz ainda marca presença firme e forte no prato do brasileiro. "Quem poderia prever, na década de 50, que haveria uma Nouvelle Cuisine Française ou uma Nuova Cucina Italiana? Restaurantes antigos continuarão a fechar, novos continuarão a se multiplicar. Isso é inexorável. Claro que eu sinto falta do pastel da minha avó. Mas, como não me apego aos saudosismos, aprendi a curtir sabores e texturas que, antes, eu não conhecia", revela.



sua história passa por aqui

processo seletivo
2009

graduação

Arquitetura e Urbanismo	Formação de Professores
Artes Visuais	Publicidade e Propaganda
Design de Interiores	Rádio e TV
Design de Moda	Relações Internacionais
Design de Produto	Relações Públicas
Design Gráfico	

extensão

pós-graduação

Bibliotecas
Certificadas
ISO 9001:2000
desde dez. 2004



Centro Universitário
Belas Artes de São Paulo
R. Dr. Álvaro Alvim, 76
Vila Mariana - São Paulo - SP



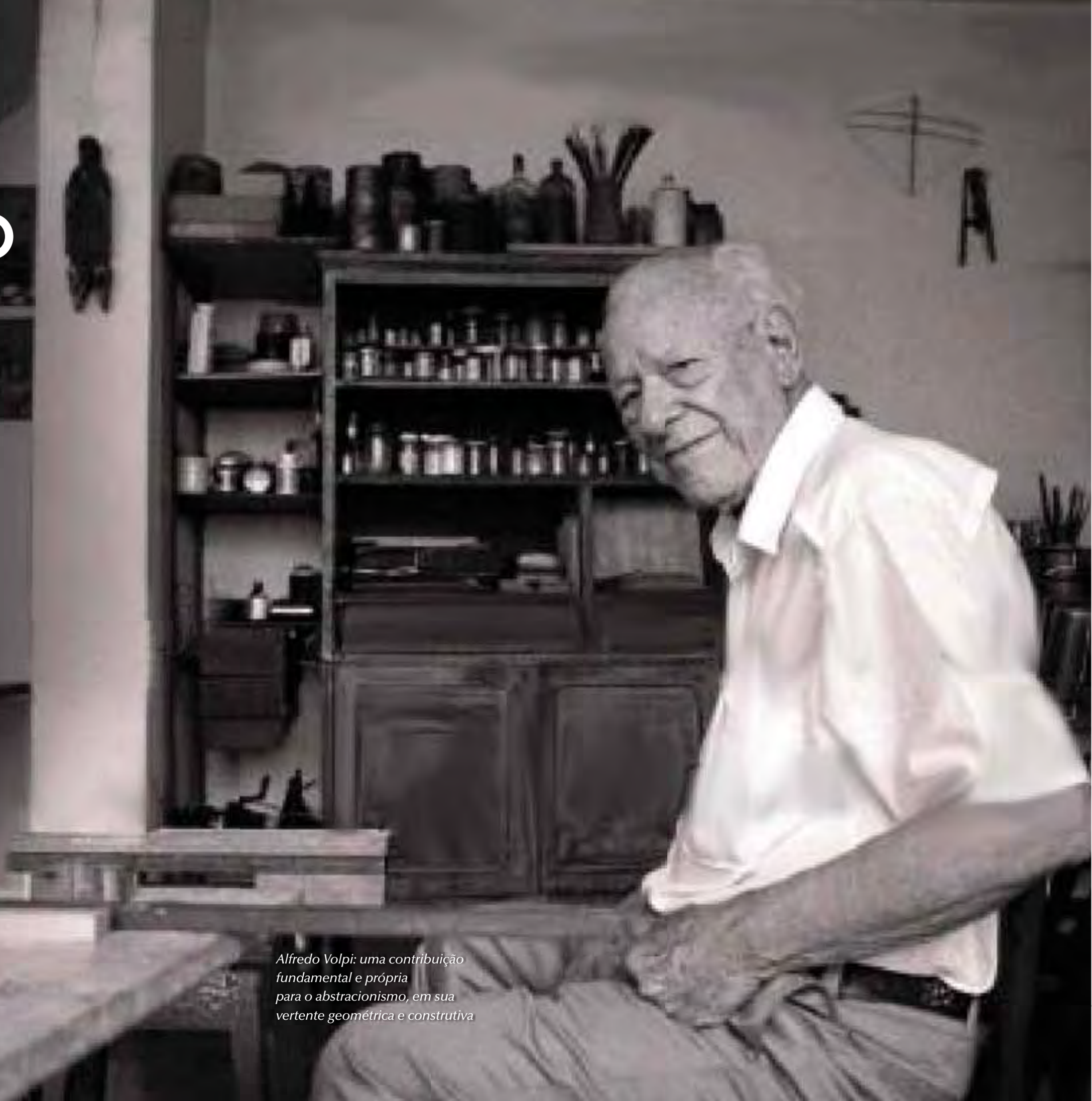
0800 772 5010
www.belasartes.br

A contribuição dos artistas imigrantes para as Artes em São Paulo

A contribuição dos artistas imigrantes e de seus descendentes merece um capítulo especial na História da Arte no Brasil. Até o momento, poucos são os estudos específicos sobre esta significativa produção artística digna de recuperação e de uma análise mais detida, uma vez que é determinante para a fixação de algumas das principais características de nossas artes.

Por Nelson Rodrigues da Silva

Alfredo Volpi: uma contribuição fundamental e própria para o abstracionismo, em sua vertente geométrica e construtiva



A historiografia e a crítica de arte já incorporaram a importância dos artistas pintores-decoradores de residências que executavam frisos e florões, em moda nas primeiras décadas do século XX. É de reconhecimento geral a produção de Mario Zanini e Francisco Rebolo (filhos de italiano e espanhol, respectivamente) e dos italianos Volpi e Fulvio Pennacchi. Autodidatas, ex-alunos do Liceu de Artes e Ofícios, ou com alguma experiência de estudo na Itália, como Pennacchi e Aldo Bonadei, todos integravam o Grupo Santa Helena; que contava ainda com a participação do letrista Clovis Graciano e do ourives Manoel Martins. Reuniam-se no Palacete Santa Helena, um edifício da Praça da Sé demolido em 1971 para a construção da estação de metrô.

Nos fins de semana ou em momentos de folga, dedicavam-se à pintura da paisagem urbana, principalmente dos subúrbios e arredores da cidade de São Paulo e das praias.

Preferiam locais anônimos no limite entre o campo e a cidade. Dedicaram-se ainda a natureza-morta, aos retratos de personagens populares e de operários, além de pinturas com temas religiosos e alguns outros registros do modo de vida dos componentes do grupo e de seus companheiros.

Mário de Andrade identificou neste grupo, o que chamou de uma “Escola Paulista”, formada por “artistas proletários” que acima de tudo realizaram uma obra pictórica de alta sensibilidade, disciplinada pelo “métier” rigoroso, pela preocupação com o apuro e o aprimoramento técnico. Estes artistas praticaram um Modernismo sem as ousadias da Anita Malfatti ou da Tarsila do Amaral, mas ao mesmo tempo recusaram as regras da pintura acadêmica. Deste grupo, destacou-se nacionalmente, com uma contribuição fundamental e própria para o abstracionismo, em sua vertente geométrica e construtiva, Alfredo Volpi.

Outro exemplo que merece destaque é o Grupo Seibi, organizado por artistas japoneses em 1935, uma vez que representa a vertente do Informalismo no Brasil. Assim como o Grupo Santa Helena estes artistas também se organizaram preocupados com o seu aprimoramento técnico.

Salão do Grupo Seibi

A entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, ao lado dos países aliados, e a perseguição aos imigrantes italianos, alemães e japoneses levou a dispersão do grupo. Retomaram suas atividades em 1946 com a criação de um ateliê coletivo e a participação de novos artistas. Em 1952, criaram o Salão do Grupo Seibi e, entre 1952 e 1970, organizaram 14 mostras. O grupo realizou suas atividades até a década de 1970.

Um de seus integrantes, o pintor e gravador Manabu Mabe, ganhou destaque no cenário artístico nacional e hoje é considerado um dos pioneiros do abstracionismo no Brasil. Autodidata durante sua infância, aprende a pintar em um ateliê que improvisou no cafezal onde trabalhava. Mais tarde aprende a preparar a tela e diluir as tintas com o pintor e fotógrafo Teisuke Kumasaka, na cidade de Lins. Sua produção inicial dialoga com o cubismo e, gradualmente, vai aderindo à abstração. Em 1955, pinta sua primeira obra abstrata.

Outro destaque do grupo é a pintora gravadora e escultora Tomie Ohtake. No Brasil desde 1936, fixou residência em São Paulo e iniciou suas atividades em pintura no início da década de 1950 quando passou a integrar o Grupo Seibi. Com uma produção inicial figurativa também adere ao abstracionismo. Em suas telas, a partir da utilização de poucos elementos, verifica-se a procura permanente da síntese e a influência da pintura japonesa em um intenso diálogo entre a tradição e a contemporaneidade.

Tomie Ohtake também faz intervenções em espaços urbanos, produzindo esculturas de grandes dimensões, como a que está instalada, desde 1988, na avenida 23 de Maio, em comemoração aos 80 anos da imigração japonesa. Qua-



Manabu Mabe, um dos pioneiros do abstracionismo no Brasil.

tro lâminas de concreto armado, arcadas, dispostas lado a lado e sucessivamente, em forma de ondas, homenageiam as quatro gerações de japoneses no Brasil. Originalmente foram pintadas em látex apenas na parte interna, em tons que iam do violeta ao laranja, com predomínio de amarelo. Segundo a artista, a parte externa revestida em concreto aparente expressa leveza e simplicidade.

A artista não atribuiu um título, deixando a escultura aberta às interpretações de cada um que a vê. A instalação numa avenida movimentada com um intenso fluxo de veículos em seus dois sentidos permite um efeito de continuidade e dinamismo envolvendo o observador.

Monumento à Independência do Brasil, de autoria do italiano Ettore Ximenez



Tomie Ohtake possui outras importantes obras públicas em São Paulo: a fachada cega contígua da Estação Metrô Anhangabaú; o painel pintado no Edifício Santa Mônica, na Ladeira da Memória; a escultura Estrela do Mar e os painéis para o Memorial da América Latina e para a estação Consolação do metrô, em São Paulo.

Muitos dos monumentos e esculturas que foram escolhidas para enfatizar a história da cidade de São Paulo foram feitos por artistas imigrantes, sobretudo italianos. Divulgados como pontos de referências para os turistas, estas obras ocupam boa parte das páginas na internet da prefeitura e do governo do estado. Este último possui um portal exclusivo para divulgação de seu patrimônio artístico: www.saopaulo.sp.gov.br/patrimoniointerativo.

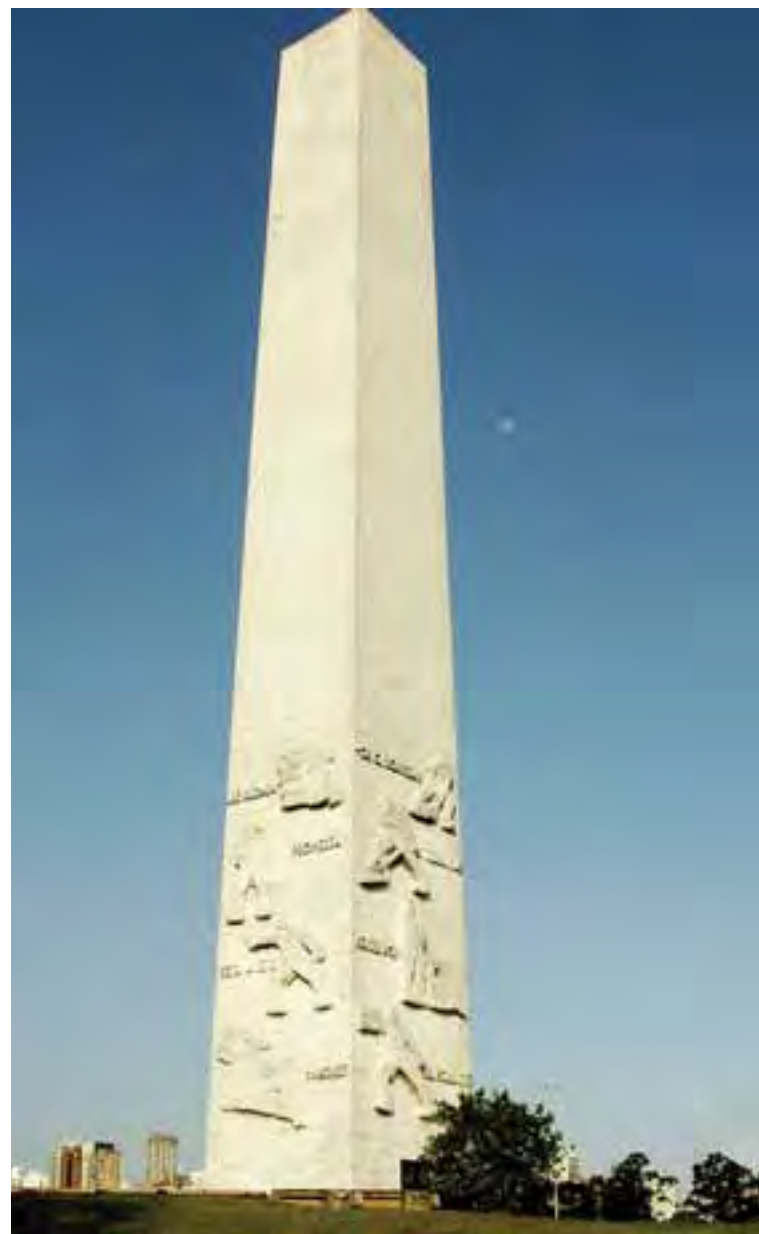
Outros imigrantes e suas principais contribuições artísticas

Galileo Emendabili é responsável pela concepção dos desenhos da abobada e da cripta do Obelisco Mausoléu aos Heróis de 32, que se destaca na paisagem do Parque do Ibirapuera. A simbologia do nove de julho foi explorada pelo escultor ao projetar um obelisco que, da base ao topo, tem 72 metros de altura ($7+2=9$); da cripta, em forma de cruz grega que abriga os despojos dos ex-combatentes, ao topo tem 81 metros ($8+1=9$), sendo que 81 também é o quadrado de 9. Pela soma aritmética de 72 e 81, também se chega ao número 9 ($7+2+8+1=18 / 1+8=9$). O monumento é dividido em quatro grandes painéis trabalhados em mosaico de procedência italiana.

Entre outros trabalhos importantes do italiano Galileo Emendabili, nascido em Ancova no ano de 1898, pode-se destacar os monumentos a Ramos de Azevedo, na Cidade Universitária; a Joaquim Gonçalves Moreira e a Jesuíno da Fonseca Leite, no Jardim Principal da Santa Casa; e a Igreja de Nossa Senhora da Paz, onde trabalhou na parte escultó-

rica e arquitetônica. No Cemitério da Consolação, esculpiu uma obra de impacto expressionista em bronze: sua primeira Pietá. Em seus trabalhos, percebe-se uma sensação mítica e uma sensibilidade emocionante.

Ettore Ximenez nasceu em Palermo, Itália, no dia 11 de abril de 1855 e faleceu em Roma, no dia 20 de dezembro de 1926. Discípulo de seu pai, o escultor Antonio Ximenez, aprendeu a modelagem desde criança. São de sua autoria o Monumento ao Trabalho (ou Amizade Sírio Libanesa), de 1922; um busto em homenagem a Vicente de Carvalho, no Largo do Arouche; e o Monumento para celebrar o Centenário da Independência do Brasil, às margens do riacho Ipiranga, local onde Dom Pedro I teria proclamado a Independência em 1822.



O obelisco aos Heróis de 32, no Ibirapuera, explora a simbologia do Nove de julho



O mausoléu da família Matarazzo, no cemitério da Consolação: esculturas em bronze de Luigi Brizzolara

De Nicolas Vlavianos, no Largo do Arouche, encontra-se a escultura Progresso, uma peça de chapa de ferro. Nascido em Atenas, Grécia, em 1929, veio para o Brasil, em 1962, onde tem se dedicado à escultura e ao desenho. “Seu trabalho consiste na soldagem e dobragem de elementos metálicos, criando uma estrutura de signos abstratos”, como afirma Miriam Escobar em sua dissertação de mestrado: A escultura no espaço público em São Paulo.

Luigi Brizzolara nasceu em Chiavari, Itália, em 1868. Executou trabalhos em bronze, vindos de Gênova que podem ser observados no Cemitério da Consolação, com destaque para o Mausoléu da Família Matarazzo, o mais alto e imponente mausoléu da América Latina. Em 1922, terminou o seu mais importante grupo escultórico, executados por Camiani e Guastini - Fonderia Artística in Bronze, Pistóia, Itália, em homenagem a Carlos Gomes, na Praça Ramos de Azevedo. São dez esculturas em bronze e outras três em mármore com temas relacionados à música. Esculpiu tam-

bém “Anhanguera”, situada no Parque Siqueira Campos; “Antônio Raposo Tavares” e “Fernão Dias Paes”, instaladas no Museu Paulista. Todas em mármore.

Amadeu Zani nasceu na Itália, em 1869, e migrou com sua família para o Brasil, em 1887, onde faleceu na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, aos 75 anos. Em Roma, executou o monumento com quase 26 metros “Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo”, implantado no Pátio do Colégio, considerado o berço da cidade. “Um grande pedestal em granito cinza, de onde parte uma coluna em granito rosa polido. No alto, uma figura feminina em bronze representa a Cidade de São Paulo, coroando seus fundadores. Na mão direita, uma tocha representa o símbolo de amor eterno. Na esquerda, um ramo de louros e uma foice simbolizam a glória e o trabalho. Nas quatro faces do pedestal, baixos relevos em bronze mostram aspectos dos primeiros tempos da vila: a catequese, destacando o trabalho do Padre Anchieta; a primeira missa, celebrada pelo Padre Manoel de



No Pátio do Colégio, o monumento “Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo”, de autoria de Amadeu Zani

Paiva em 25 de janeiro de 1554, dia da Conversão de São Paulo; a defesa da vila pelo cacique Tibiriçá; a embaixada de paz por Anchieta e Manoel da Nóbrega junto aos índios Tamoios. Na base da coluna, figuras de bronze em alto-relevo representam os indígenas em trabalho braçal, erguendo as primeiras casas da vila e a igreja, sob as ordens do Padre Afonso Braz. Alguns carregam cestos com terra e potes de água nas costas. Outros amassam a terra para formar a taipa. Pouco abaixo do alto-relevo, medalhões, também em bronze, estampam os perfis de autoridades da época: Martim Afonso de Souza, fundador da Vila de São Vicente; Mem de Sá, Governador Geral do Brasil de 1558 a 1572; Dom João III, Rei de Portugal entre 1521 e 1557; e o Papa Júlio III (1550 – 1555). Entre os medalhões, vinhas e folhas de bronze em relevo completam a ornamentação”. (Seção Técnica de Levantamentos e Pesquisa Divisão de Preservação – DPH).

Obviamente existem outras esculturas e monumentos de artistas imigrantes que marcam a visualidade de São Paulo. Seria necessário um livro para homenagear a todos eles.

Destaca-se na paisagem paulistana o prédio do MASP, na avenida Paulista, da arquiteta italiana Lina Bo Bardi. Dela também é o Conjunto das Artes na Rua Pamplona, Museu do Instituto Butantã, SESC Pompéia e a restauração da antiga sede da Prefeitura de São Paulo no Parque Dom Pedro II.

Outro nome fundamental para a arquitetura moderna em São Paulo é o russo Gregori Warchavchik. Formado na Itália, o arquiteto construiu a Casa Modernista, na rua Itápolis, bairro do Pacaembu. O nome do estabelecimento tem origem no evento que marcou a sua inauguração. O projeto assemelha-se ao conjunto de residências projetadas pelo arquiteto, as primeiras marcadamente racionalista e funcionalista, regida pela praticidade, economia e pela redução dos elementos decorativos ao mínimo.

E para concluir, embora não seja de um imigrante, vale lembrar os painéis de Di Cavalcanti no centro da cidade. Felizmente, apesar do incêndio, o mosaico que ocupa a fachada do prédio do teatro Cultura Artística, ainda chama a atenção de quem passa pela rua Nestor Pestana, 196. E esta não é a única obra pública de Di Cavalcanti na região central da cidade. Destacam-se ainda: os painéis que ocupam parte da fachada do prédio e a parede em cima da escada de acesso do Edifício Triângulo, projeto de Oscar Niemeyer, na rua José Bonifácio, 24. Provavelmente o painel mais visível da cidade o mosaico: “Imprensa” na Rua Major Quedinho esquina com a praça Desembargador Mário Pires. Os três painéis do Edifício Montreal, Avenida Ipiranga, 1.284, República: dois nas paredes sobre a escada de acesso e outro no saguão, ao lado dos elevadores. E também os dois grandes painéis da recepção do Hospital Professor Edmundo Vasconcelos.

**Nelson Rodrigues da Silva é professor do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, Mestre em Educação, Arte e História da Cultura e Especialista em História da Arte.*

Imigrantes fazem parte da história do Liceu

No ano 1873, São Paulo tinha pouco mais de 30 mil habitantes. A industrialização dava seus primeiros passos. No interior do estado, imigrantes europeus dedicavam-se à lavoura cafeeira e, na capital, à instalação de fábricas. Nesse cenário de prosperidade, o Conselheiro Leôncio de Carvalho e um grupo de cafeicultores da elite local, acreditando na educação popular como forma de crescimento e visando criar uma escola profissionalizante a fim de atender as necessidades de mão-de-obra especializada, fundam a Sociedade Preparadora de Instrução Popular. Pela primeira vez no país, filhos de operários e de camponeses passam a ter acesso à alfabetização.

Nove anos depois, a Sociedade introduz no currículo cursos profissionalizantes e passa a chamar-se Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, com o objetivo de formar artesãos e trabalhadores para as oficinas, o comércio e a lavoura. Em 1895, dirigida pelo engenheiro e arquiteto Ramos de Azevedo, a escola conhece uma reforma mais ampla, com a inclusão das “artes e ofícios”, a qual servirá como base de uma “futura Escola de Belas Artes de São Paulo”. São incluídas classes de álgebra, geometria e contabilidade, comércio e agricultura. Com essa reforma, o Liceu aprimora e amplia a produção de artigos de artes decorativas e industriais para atender a um mercado em expansão no Brasil.

Centro de belas artes – A ênfase no ensino de desenho, pintura e escultura se articula ao plano de Ramos de Azevedo de transformar o Liceu em um centro de belas artes, com organização de exposições, ateliês de artistas e formação de uma pinacoteca. Como alunos ou docentes, imigrantes e descendentes frequentavam a escola e ajudaram a projetar o

Liceu. A maioria deles era italiana, como o pintor Eliseu Visconti, os escultores Vitor Brecheret e Galileu Emendabile, o professor de desenho e arquiteto Domiziano Rossi, dentre outros.

Em 1897, após ganhar uma concessão de recursos do governo, se inicia a construção de sua sede em um terreno doado à escola, ao lado do Jardim Público da Luz. A criação de um museu, a Pinacoteca do Estado, no interior do Liceu de Artes e Ofícios, em 1905, altera completamente o perfil inicial da escola, traçando a partir de então caminhos diferentes para as duas instituições.

No ano 2001, o Liceu passou a abrigar permanentemente uma exposição intitulada “Imagens do Liceu: Trabalho dos Mestres”, com painéis fotográficos, gravuras e desenhos, retratando o período de 1895 a 1950, que conta a inesquecível participação da instituição no desenvolvimento da cidade de São Paulo.



Inicialmente, o Liceu de Artes e Ofícios formava artesãos e trabalhadores para as oficinas, o comércio e a lavoura.



Os desafios da imigração nos países desenvolvidos

Políticas restritivas à imigração – adotadas por países desenvolvidos pelas mais diversas razões – acabam por aumentar o fluxo de imigrantes para os chamados países em desenvolvimento, como o Brasil.

A imigração na atualidade tornou-se um problema econômico e social que se apresenta como um desafio às grandes nações, principalmente para as mais desenvolvidas. Preocupados com a entrada de imigrantes ilegais, países da União Européia - Portugal, França, Espanha, Inglaterra e Itália - e da América do Norte, principalmente os Estados Unidos, por exemplo, estão cada vez mais restritivos para dar o visto no passaporte do visitante.

As políticas seletivas estão sendo discutidas até na hora que os eleitores precisam escolher o seu chefe de estado e vêm ganhando força nos últimos tempos entre os líderes de vários países. Mas o discurso antiimigração, seja ele radical ou moderado, tende a ignorar a contribuição positiva dos imigrantes para a economia de um modo geral.

A carência de mão-de-obra, por exemplo, é um dos desafios

que o continente europeu já enfrenta em alguns setores da economia e só tende a aumentar. Vários países do bloco, como a Itália, a Espanha e a Alemanha, registram, atualmente, baixas taxas de natalidade. Uma boa política de imigração pode representar uma das maneiras de restabelecer o equilíbrio da população.

Para Barbara Freitag Rouanet, socióloga urbana, o fechamento das fronteiras dos países ricos se dá por duas grandes razões: o terrorismo e o desemprego estrutural. Os ataques às torres gêmeas em Nova Iorque ou o do metrô de Madrid e de Londres são exemplos de terrorismo globalizado que geram um medo generalizado e fortalece a xenofobia. Com relação ao desemprego estrutural, os imigrantes ilegais têm vantagens relativas. Não há meios legais para fazerem exigências aos seus patrões, nem greve, nem manifestações de rua. “Eles aceitam salários abaixo do preço de mercado e fazem serviços que os nativos não se dispõem a fazer, como faxina, recolhimento do lixo, obras de construções civis perigosas, entre outros. E as empresas os contratam, mesmo correndo o risco de multas e punições legais”, afirma.

Além disso, também há razões de ordem moral para fechar as fronteiras. A prostituição e a pedofilia são crimes que as autoridades oficiais precisam combater em seus países. Segundo Barbara, uma diferença fundamental da imigração na Europa e no Brasil é o da qualificação para o trabalho. “Muitas professoras primárias, enfermeiras e outros profissionais liberais do leste Europeu, por exemplo, ganham tão pouco em seu país de origem que preferem a prostituição nas fronteiras da Áustria e da Alemanha, onde podem ganhar temporariamente muito mais. Os ricos se aproveitam desse desequilíbrio. Eu vi revistas especializadas de garotas de programa de todas as nacionalidades, inclusive brasileiras, circulando em países da União Européia. A promiscuidade gera a imoralidade”.

Leis alemãs são progressistas

Na Alemanha, país de origem da socióloga Barbara, o Einwohnermeldeamt, uma central de registro de habitantes, só concede visto de permanência para quem tiver um emprego e uma moradia. “Basta um membro da família ter esse

visto para que todos os demais – cônjuge, filhos, pais etc. – também tenham direito de residência. Isso reflete o valor dado à família e sua união”, analisa. Segundo a lei germânica, os legais são tratados como qualquer outro cidadão: pagam impostos, serviços de saúde e têm direito à pensão da previdência alemã, quando se aposentam por anos de serviço e de contribuição. Os filhos têm direito à escola e universidade gratuitas, bem como a tratamento de saúde gratuito.

Nos últimos anos, o país recebeu muitos imigrantes da Turquia, fazendo com que o governo se encarregasse de lhes ensinar, fora o alemão, a língua natal e outros idiomas corriqueiros. Resultado: raramente um descendente de turcos ou curdos tem intenção de voltar a viver em seu país de origem. Mesmo tendo uma boa política de imigração, existem conflitos. Os imigrantes islâmicos não querem abrir mão de suas regras sociais. Casamentos arranjados pelos pais, poligamia e o uso do shador são alguns dos costumes que trazem problemas. “O Estado interfere e defende os direitos, em geral das mulheres, de acordo com a legislação



germânica. Exemplo disso são moças alemãs que se casam no ritual islâmico. Quando elas acompanham seus maridos em viagens à Turquia, terão de aceitar outras mulheres do parceiro. E eles têm o patripoder exclusivo sobre os filhos. Daí, surgem os dramas familiares”, comenta Barbara.

Se as leis alemãs são progressistas, isso não quer dizer que a sociedade alemã seja receptiva e amigável com os imigrantes. “Há xenofobia especialmente com relação aos ilegais. Os mais radicais são os skin heads, que hostilizam os filhos de estrangeiros legais e ilegais”.

Suíça: atenta ao mercado de trabalho

Segundo um estudo da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre imigração, a Suíça é um destino atrativo para os trabalhadores dos países que fazem parte da organização. A pesquisa revelou que 70% dos imigrantes chegaram naquele país devido ao acordo de livre circulação de pessoas entre a Suíça e a União Européia. A imigração está acima da média da OCDE e foi qualificada como “boa nova” para a Suíça. Na Áustria, Bélgica, Dinamarca e Alemanha, a proporção de imigrantes da EU foi de 50% e de apenas 20% na França, Itália e Portugal.

O relatório da OCDE destacou que os países-membros devem adaptar melhor suas políticas migratórias para a provável demanda futura de mão-de-obra em todos os setores de suas economias, abrindo progressivamente seus mercados aos trabalhadores pouco ou muito qualificados.

Para a professora Barbara, a Suíça filtra os imigrantes de acordo com as necessidades do mercado de trabalho. As autoridades concedem vistos temporários de um a três anos. “Se os imigrantes se qualificam, aprendem o idioma, trabalham, não entram em choque com as leis e os hábitos suíços, então podem vir a ser - especialmente quando são ricos, residentes permanentes, cidadãos honorários. Caso não se adequem ao perfil desejado, voltam aos seus países de origem”, explica.

A Suíça não é membro da União Européia e poucos imigrantes se arriscam a ficar na ilegalidade. Suas fronteiras são bem guardadas e os próprios cidadãos nativos defendem seus interesses e privilégios. Só existe uma exceção para legalizar o imigrante: o casamento. “Nos casamentos arranjados, o imigrante “compra” o direito de residência e de trabalho ao se casar com pessoa nativa. Mas as autoridades cantonais conhecem bem o truque e castigam ambas as partes, quando descoberto ou denunciado”.

Cresce número de estrangeiros na cidade

Um recente estudo feito por pesquisadores da Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados), do governo paulista, revelou que o perfil dos migrantes que se mudam para a Grande São Paulo é diferente de 20 anos atrás. A participação dos nordestinos caiu de 59,4% para 49,1%, o que fez com que a proporção de migrantes do interior de São Paulo, de outras regiões do país e até do exterior aumentasse.

No final dos anos 80, a Grande São Paulo recebeu perto de 12 mil migrantes vindos do exterior. Em apenas dois anos, no período de 2006 / 2007, esse número mais que dobrou. A cidade ganhou aproximadamente 26 mil estrangeiros.

Em busca de melhores condições de vida, pessoas de países subdesenvolvidos que sofrem com conflitos civis, catástrofes naturais e pela miséria, fortalecem o fluxo migratório para países desenvolvidos e em desenvolvimento, cujas metrópoles proporcionam maior oferta de trabalho e de geração de renda. A função da mão-de-obra imigrante na divisão social do trabalho nos países mais ricos é exercer os trabalhos mais pesados, indesejados e de maior risco, que a comunidade local se recusa a desempenhar.

Os países da América Latina são, ao mesmo tempo, emissores de fluxo migratório para os países desenvolvidos da Europa, América do Norte e Ásia, e também receptores dos fluxos internos do continente sul-americano. Nesse sentido, é possível constatar que os países considerados em desenvolvimento, como o Brasil, têm sido uma alternativa para os imigrantes que antes se dirigiam em grande escala para países da América do Norte e Europa. Este fenômeno se deve as barreiras migratórias implantadas pelos países ricos que cada vez mais estão dificultando a entrada de imigrantes em seus territórios.

Apesar de o Brasil ter fronteiras territoriais pouco vigiadas, o país é bastante exigente e seletivo com relação ao imigrante. Um engenheiro ou um médico estrangeiro, por exemplo, não consegue trabalhar facilmente. Até para os brasileiros que estudaram no exterior, o reconhecimento de um diploma envolve uma enorme burocracia, papelada, traduções juramentadas, com descrição de cada curso, crédito etc. “Fica muito difícil para o refugiado ou imigrante com qualificação exercer a sua profissão no Brasil. Agora, com dinheiro muito despachente faz milagres”.





São Paulo, cidade do mundo

Os fluxos migratórios nestes tempos de globalização não são os mesmos do passado, quando imigrantes vinham para povoar cidades ou fugir de guerras. Hoje, há uma nova onda migratória constituída por executivos de multinacionais que estão sempre em movimento. Mas eles também deixam a sua influência.

São Paulo não pode parar, dizia-se no século passado. A cidade cresceu vertiginosamente, principalmente no período de 1950 a 1980 e movida, naquela época, pela migração interna. No começo, eram os nordestinos, que vinham a São Paulo para trabalhar na construção civil. Foram eles que literalmente construíram a cidade. Nos Estados Unidos, uma canção do “Jefferson Starship”, nos anos 80, falava “we built this city on rock and roll” (nós construímos essa cidade na base do rock and roll). Se referia aos operários da construção civil, que trabalhavam ouvindo rock no rádio. Pois bem, São Paulo foi construída na base do xaxado e do baião.

Nos anos 80 e 90, pessoas de todo o país continuaram vindo a São Paulo, não só do Nordeste e não só em busca de empregos na construção civil. Veio gente de toda parte, do Sul, do Norte e até mesmo alguns cariocas obrigados. Hoje, os melhores maitres de restaurantes são nordestinos. Os melhores “sushi-man” são cearenses. E os “passadores” de churrasco de rodízio na “Fogo de Chão” vêm de Santa Catarina, de Minas e de outros estados.

Com os cariocas aconteceu um fenômeno interessante. Entre os anos 70 e 80, houve um êxodo de empresas do Rio para São Paulo, porque os empresários buscavam melhor infra-estrutura, segurança, disponibilidade de mão-de-obra, acesso a mercados, diversas razões. As empresas e os empregos mudaram, mas nem todos os cariocas acompanharam a mudança. As vagas foram preenchidas por pessoas vindas de outras partes e algumas até mesmo de São Paulo. Na maioria dos casos, os cariocas preferiram ficar no Rio, para não perder a praia. Parece brincadeira, mas é caso sério. Os cariocas são os mais difíceis de mudar, especialmente para a Paulicéia, pois o estilo de vida é muito diferente.

O fato é que a transferência de todos esses empregos, sem a correspondente migração dos seus ocupantes, foi criando uma inércia crescente de geração de empregos em São Paulo, o que tornou a cidade um grande campo magnético para profissionais de outras localidades.



Muitos nordestinos vieram para trabalhar em São Paulo. A maioria arranhou emprego na construção civil

A população como um todo, no entanto, parou de crescer. A partir de meados dos anos 80, o número de habitantes da “Grande São Paulo” chegou em torno dos 20 milhões. O influxo de gente nova continuou, mas iniciou-se um outro fluxo de pessoas saindo da cidade para o interior e para os estados do Sul do Brasil em busca de uma melhor qualidade de vida. O problema da violência atingiu proporção alarmante e os congestionamentos afugentaram muita gente para lugares menores e mais tranquilos.

Abertura de mercado favorece instalação de multinacionais

O perfil do fluxo migratório para a cidade também foi mudando aos poucos. Com a abertura de mercado no governo Collor, algumas multinacionais começaram a se instalar no país, aumentando assim o ingresso de executivos de países do mundo inteiro. Com a abertura aumentou também a migração de trabalhadores de classes econômicas menos favorecidas. Houve um grande influxo de pessoas vindas do Peru, Bolívia, Chile, Uruguai e, mais recentemente, da Argentina. Motivo principal: a busca de emprego. Em São Paulo, se trabalha.

O fenômeno migratório que acontecia apenas dentro do território nacional, agora ganhou uma dimensão internacional. As empresas globais, que visavam fazer negócios e abrir filiais no Brasil, se concentraram em São Paulo. Ao contrário do que aconteceu com os cariocas, os profissionais estrangeiros acompanharam seus empregos.

O que se viu nos últimos vinte anos, de 1990 para cá, foi um crescimento da população de estrangeiros como nunca se vira antes em São Paulo. Executivos de multinacionais em busca de aprendizagem profissional num mercado dinâmico e crescente. Técnicos em formação e trainees enviados para adquirir experiência profissional. Professores e jovens de talento em busca de oportunidades num ambiente estimulante e de liberdade de expressão. Empreendedores em busca de mercados emergentes.

São Paulo passou a ser uma dessas cidades onde você vê



Comida japonesa, feita por brasileiros a caráter.

gente do mundo inteiro nas ruas, onde se ouve todas as línguas ao sentar num restaurante ou ao passear num shopping center. As grandes empresas multinacionais têm seus escritórios em São Paulo não só para realizar negócios no Brasil, mas também para coordenar atividades que desenvolvem em outros países da América Latina.

São Paulo passou a ser equivalente a Nova Iorque, Londres, Paris, lugares onde se encontram profissionais de várias nacionalidades, fazendo negócios e exercendo atividades “globalizadas”. Isso mudou o comportamento também dos “locais”.

A piada diz que “o paulistano é um bicho que não existe.” De cada quatro pessoas que moram em São Paulo, três são de fora e o que nasceu na cidade é “japonês”! As pessoas que já moravam em São Paulo, quer tenham nascido aqui ou não, passaram a conviver com um número crescente de estrangeiros e precisaram se adaptar a isso.

Hoje, cada vez mais, os profissionais da hotelaria, de restaurantes e de serviços afins falam inglês, coisa que não acontecia nos anos 80. A cidade começou a mudar com a presença dos estrangeiros e a grande diferença em relação a lugares como Nova Iorque ou Paris é que São Paulo acolhe os “gringos” de maneira muito mais amistosa.

Povo amistoso

Paris é famosa no mundo pela hostilidade dos parisienses aos visitantes e expatriados. Nova Iorque é notória pela agressividade e falta de educação dos seus habitantes. São Paulo, ao contrário, é elogiada por todos os estrangeiros que a visitam ou que aqui vêm morar. Melhor dizendo: os paulistanos são elogiados. As pessoas podem se queixar do trânsito, da poluição, da falta de segurança, mas “o povo é tão amistoso”.

Talvez os brasileiros de outras cidades até discordem, mas é porque o padrão de hospitalidade no Brasil é bem melhor do que no resto do mundo, especialmente se comparado aos EUA e Europa. Assim, o paulistano pode parecer “frio”

e “distante” para os brasileiros que vem do Sul ou do Norte. Mas para os habitantes que vem do Hemisfério Norte, o paulistano é transbordante de carinho e atenção.

O fato simples é que o brasileiro tem prazer em ajudar quem está “meio perdido” ou enfrentando alguma “dificuldade”. E o paulistano não é exceção. As pessoas aqui são capazes de sair do seu caminho para ajudar alguém a encontrar o seu. Isso é natural e espontâneo. Experimente conseguir isso de alguém em Frankfurt!

A interação entre o local e o estrangeiro começa com a conversa de ajuda e acaba até em casamento! Essa é a verdadeira integração que surge da formação de famílias mistas, na qual um integrante do casal é “local” e o outro é estrangeiro. Pergunte a qualquer executivo de fora. A maioria, tanto homens como mulheres, sai do Brasil casado com um local. Isso quando não se apaixonam também pela cidade e resolvem ficar por aqui mesmo, ao invés de seguir com sua carreira internacional..

Aos poucos, o povo paulistano também vai mudando, vai se adaptando à presença crescente de estrangeiros. A fluência no idioma inglês ou espanhol já é uma necessidade básica para quem quer trabalhar em multinacionais. Restaurantes oferecem cardápios em inglês. Hotéis, shoppings e prédios comerciais também estão adotando placas de sinalização em outros idiomas.

O mercado de escolas internacionais para os filhos de expatriados não consegue atender a demanda crescente. Todas estão superlotadas, com filas de espera para dois, três anos. Na área de serviços, encontram-se hospitais e clínicas, funcionando de forma bilíngue; academias de ginástica e “personal trainers” atendem em inglês e espanhol. Proliferam as escolas de idiomas que ensinam inglês, francês, espanhol e alemão

Integração de executivos estrangeiros é rápida

A maioria dos executivos estrangeiros que a chega a São Paulo não tem muitas informações a respeito da cidade. E, geralmente, o pouco que eles sabem sobre a nossa cidade refere-se a fatos negativos, como a violência, por exemplo. Apesar disso, eles aceitam o desafio de morar em outro país porque a oportunidade de dar novo impulso à carreira profissional é bastante estimulante, mesmo para quem já se encontra em uma posição financeira confortável.

Pelo menos é assim que Tania Maluf, diretora da TMC Human Resources Services, empresa que oferece serviços para executivos estrangeiros em São Paulo, vê a questão. “No primeiro momento, os estrangeiros procuram encontrar aqui o mesmo que deixaram para trás em seus países de origem. Porém, logo percebem as diferenças e, entre as primeiras reclamações, está o fato de o idioma inglês não ser comumente falado na cidade”, diz Tânia.

Apesar dessa dificuldade inicial, outras qualidades da cidade e dos paulistanos logo ficam evidentes para os expatriados. São Paulo tem uma história de integração e assimilação das mais variadas culturas. Já recebeu imigrantes europeus, árabes e orientais que trouxeram seus hábitos e costumes que hoje fazem parte do cotidiano do paulistano. “É uma cidade acolhedora, acostumada a abrigar diferenças culturais, o que facilita a inclusão de estrangeiros na sociedade”, completa Tânia.

Segundo ela, os estrangeiros logo percebem que o paulistano, apesar de nem sempre falar inglês, compensa isso com uma vontade muito grande de ajudar. “Com o tempo estes executivos começam a aceitar a transferência, se acostumam com a mudança de escola dos filhos, com o trânsito, com a nova residência e a rotina”, comenta.

Para Tania, a maioria dos estrangeiros com os quais conviveu se adaptou à nova vida de maneira tranqüila. Alguns sequer pensam em voltar aos seus países de origem, tamanho o grau de familiarização com a cidade, com os amigos, com os empregados etc.

Se o momento de sair de São Paulo acaba chegando por alguma imposição profissional, muitos preferem desistir de seus cargos a mudar de cidade, diz Tânia. “Quem aceita a nova oferta de emprego não o faz sem sacrifício, pois geralmente esses executivos criam raízes por aqui. E quando partem, não abandonam a esperança de algum dia voltar. E muitos voltam mesmo”, completa.



Na Avenida Paulista, os executivos expatriados já se acostumaram com as manifestações, sejam elas artísticas ou reivindicatórias.

para os brasileiros. O inverso também ocorre. Tem muito estrangeiro residente aprendendo o português.

O que falar então dos hábitos dos paulistanos? De repente, todo mundo faz “happy hour”. Os almoços ficam mais curtos e os jantares são “delivery”. A clientela acostumada ao típico “fast-food” (hamburger, hot dog e pizza americana) tem agora o “fast-food” de comida “da fazenda”, de cozinha baiana e mineira.

Muda também a arquitetura. Os escritórios têm cada vez mais o estilo “internacional”, com “cubículos” e andares flexíveis, espaços coletivos amplos como se encontram nas metrópoles do Hemisfério Norte. Os bairros residenciais planejados seguem o estilo visto nos EUA e na Europa.

A característica mais marcante de São Paulo, no entanto, é justamente o sincretismo, a miscigenação, mescla, combinação de tudo. O estilo paulistano é uma mistura de culturas e estilos, é um produto do mundo globalizado. Essa fórmula, combinada com uma atitude acolhedora do povo em geral, faz com que São Paulo seja hoje uma verdadeira “Cidade do Mundo”, um lugar onde pessoas de diferentes origens se sentem à vontade.

Em outros lugares, é comum os estrangeiros se fecharem em “guetos”. Existe um “jeito certo” de fazer as coisas em Paris e em Nova Iorque. Quem não se veste de uma determinada maneira ou não se comporta de certo modo, logo se sente excluído e discriminado. Muitas vezes de maneira sutil, mas a mensagem é clara: adapte-se a nós ou será rejeitado. Não vejo acontecer isso em São Paulo. Existe uma

curiosidade positiva pelos hábitos externos trazidos para compor o caldeirão cultural da cidade. Existe uma vontade de experimentar o novo, de criar uma combinação inovadora. O inusitado prevalece sobre a mesmice e isso é uma maravilha.

O futuro da sociedade global depende dessa capacidade de mesclar, de criar a síntese a partir de coisas distintas. Muçulmanos e cristãos, judeus e palestinos, diferentes religiões, raças e culturas, em diferentes lugares do mundo, vivem em constante conflito. Em São Paulo, convivem. Podem não estar caminhando todos de mãos dadas nas ruas, como num sonho idealista e romântico. Mas também não estão se matando a tiros e pauladas como se vê em outros lugares.

São Paulo é o grande laboratório dessa sociedade urbana globalizada do futuro. Apesar de todos os problemas, muita coisa parece estar dando certo aqui. Ainda há o que melhorar, mas também existem aspectos que funcionam melhor em São Paulo e que merecem ser estudados como fonte de aprendizado para as capitais do mundo dito “desenvolvido”. O planeta precisa se tornar mais “civilizado”, em termos de comportamento social, do que mais “desenvolvido” em termos econômicos. A convivência pacífica de pessoas de várias nacionalidades e naturalidades serve de exemplo para povos de todas as nações.

**Fernando Lanzer é consultor de empresas para assuntos de Cultura Organizacional, Gestão de Mudanças e Desenvolvimento de Lideranças. Divide seu tempo entre Amsterdam e São Paulo, com escalas em vários outros lugares conforme os clientes exigem.*

Particularidades de um bairro oriental

Por Marcio Scavone*

Em homenagem aos 100 anos da imigração japonesa no Brasil, o fotógrafo Marcio Scavone, consagrado como um dos maiores retratistas brasileiros, lançou recentemente o livro “Viagem à Liberdade”, um retrato do bairro japonês da nossa metrópole.

As fotografias tentam traduzir o espírito japonês pelos quarteirões, vielas, corredores, galerias, balcões de bar cheirando sake e cerveja, templos silenciosos e lojinhas de objetos curiosos com suas novidades eletrônicas, assinalando a passagem do tempo. Até mesmo os personagens do bairro que povoam o livro assumem uma atitude atemporal, como se fizessem parte de um álbum de retratos congelado no tempo e espaço, conscientes da presença do fotógrafo.

Durante os 100 dias que Scavone fotografou o bairro, a lei Cidade Limpa se fez presente. Placas e luminosos eram removidos, reservando assim, no livro, imagens únicas de sinais urbanos em rápido processo de desaparecimento e outorgando a este retrato do bairro um cunho até mesmo histórico.

Publicado pela Alice Publishing Editora e com mais de 100 fotos coloridas, “Viagem à Liberdade” transforma o bairro oriental de São Paulo numa metáfora da busca pela familiaridade numa terra estranha. A obra traz um depoimento de Scavone e texto do professor de história da arte Jorge Coli.



"A leque"

* **Marcio Scavone** começou a fotografar aos 12 anos com a câmera RolleiFlex de seu pai. Viagem à Liberdade é o seu quarto livro. Antes vieram “E Entre a Sombra e a Luz”, “Luz Invisível” e “A Cidade Ilustrada”. Os retratos e os projetos pessoais são a sua paixão, como este, fotografado em São Paulo, cidade onde nasceu e escolheu para morar.



"Eu me lembro"



"Dekasegui"



"As cinzas"



"A dobradura"



Deslocamento humano: um ciclo que não se esgota

Colonizadores, invasores, executivos expatriados, clandestinos à procura de melhores condições de desenvolvimento e ascensão econômica. Os deslocamentos humanos entre países sempre existiram e, agora ganham novo impulso com a globalização.

Por Patrícia Dantas*

A presença de estrangeiros no Brasil é tão antiga quanto a dos colonizadores portugueses. As primeiras embarcações que aqui aportaram traziam exploradores e aventureiros de diversas nacionalidades: alemães, genoveses, húngaros e espanhóis, entre outros.

Livros de história contam que os séculos 16 e 17 foram marcados por invasões do nosso território. Os franceses entraram pelo litoral do Rio de Janeiro e do Maranhão. Os ingleses realizaram incursões pelas regiões Norte e Nordeste. No estado de Pernambuco, os holandeses chegaram a permanecer durante 24 anos, dando um grande impulso ao desenvolvimento e urbanização da cidade de Recife.

Após a proclamação da República, o governo imperial passou a incentivar a vinda de imigrantes para povoar a região Sul do país, onde havia focos de disputas pela fixação de fronteiras com os países vizinhos. Os alemães vieram e se fixaram no Sul, os italianos se espalharam pelos cafezais paulistas, os sírios e libaneses estão em São Paulo desde 1830 e trabalhavam como mascates. Depois vieram os japoneses, mais espanhóis, mais portugueses. O ciclo de deslocamento humano não se esgota.

Mas foi a partir do século 19, que a imigração começou a ser entendida de duas formas: a imigração destinada a fornecer mão-de-obra para a lavoura cafeeira e a imigração de caráter essencialmente povoador.

O estado de São Paulo reunia, no início do século 20, condições favoráveis para o desenvolvimento industrial. A expansão da lavoura e o comércio internacional do café geravam riqueza, as instituições financeiras facilitavam o crédito para empreendimentos fabris, a malha ferroviária possibilitava uma eficiente distribuição e o aumento da população garantia a formação de um mercado consumidor considerável. Além disso, a energia elétrica era abundante para os padrões da época.

Neste cenário de prosperidade, imigrantes de diversas nacionalidades que já moravam no Brasil passaram a investir



Imigrantes presença tão antiga quanto a dos colonizadores portugueses

em alguns setores da produção fabril. Os italianos dedicaram-se à indústria alimentícia e tecelagem; os alemães iniciaram a produção de cerveja e papel; os armênios concentraram-se no lanifício e na fabricação de calçados; os judeus e, posteriormente, os coreanos deram impulso à confecção de roupas.

No período entre as duas Guerras Mundias, de 1914 a 1945, o fluxo migratório no Brasil voltou a decrescer. Os navios eram empregados no transporte de tropas, havia os riscos de bombardeios e a destruição deixou milhões de desabrigados. Com a ajuda de organismos internacionais, estrangeiros das nações que haviam perdido tudo na guerra deixavam suas pátrias para se fixar em outros países. O Brasil voltava assim a ser uma opção acolhedora para os imigrantes refugiados. Durante a década de 60, a imigração foi marcada pela vinda de profissionais com maior grau de instrução. Em plena aceleração industrial, São Paulo ansiava por gente com conhecimento técnico.



Fotos: Associação Brasileira de Coreanos.

Os coreanos se estabeleceram como comerciantes

COREANOS chegaram com capital para montar seus negócios

No ano de 1961, a Coreia do Sul sofreu um duro golpe militar, instalando um regime ditatorial que assustou a população. O risco de uma guerra entre as porções Norte (comunista) e Sul (capitalista) era eminente. Coreanos sulistas viviam dias difíceis. A renda per capita era baixa, em torno de 900 dólares.

Do outro lado do pacífico, os asiáticos ouviam falar do Brasil, um país do futuro. A partir de 1963, eles começaram a chegar. Primeiro, foram para Vitória, no Espírito Santo, para trabalhar em assentamentos rurais. Não deu certo, o que era até de se esperar. A maioria dos coreanos era comerciante ou funcionário público, com filhos em formação colegial ou universitária.

Ao contrário das primeiras imigrações, os coreanos vinham de avião e traziam algum capital para iniciar um negócio. Mesmo com toda dificuldade com a língua, com o desconhecimento dos costumes e a diferença de clima, os coreanos foram se adaptando. Muitos deles estabeleceram-se nos ramos da confecção de roupas populares e, posteriormente, no comércio de artigos importados.

Em São Paulo, vivem cerca de 45 mil coreanos, a maior

comunidade na América do Sul. Suas lojas e fábricas se concentram nos bairros do Brás e Bom Retiro, um comércio bastante movimentado que atrai caravanas de pessoas de outros estados por conta dos preços baixos.

A comunidade tenta preservar a sua cultura, suas tradições e manifestações artísticas. O Tae Kwon Do, uma arte marcial coreana que surgiu há cerca de dois mil anos, é bastante difundido e praticado por pessoas de todas as nacionalidades. O idioma é outro orgulho da comunidade coreana que os pais tentam preservar matriculando seus filhos em escola bilíngües. Os coreanos usam o alfabeto Hangeul, criado no século XV pelo rei Sejong, da Dinastia Joseon. Por sua simplicidade, ele é considerado por lingüistas o mais original, científico e prático do mundo.

A Associação Brasileira de Coreanos, instalada no bairro do Cambuci, se esforça para que os imigrantes e os seus descendentes não percam os laços com a sua cultura de origem. Há três anos, a instituição organiza o Dia da Cultura Coreana, com uma extensa programação de eventos: oficinas, exposição, apresentação de danças, cantos, entre outros. Preservar a memória e a cultura coreana fora do seu país de origem não é tarefa fácil. Mas com a sabedoria oriental, eles trilham “caminho dos pés e mãos através da mente”, significado literal de Tae Kwon Do.



A Associação Brasileira de Coreanos promove manifestações culturais para manter entre descendentes a cultura de origem



BOLIVIANOS entre o tráfico humano e a mobilidade social

Por Maria Cristina Cacciamali e Flavio Antonio Gomes de Azevedo *

A comunidade boliviana na cidade de São Paulo pode reunir até 100 mil pessoas, segundo estimativas da Pastoral dos Migrantes Latino-americanos, embora o consulado da cidade de São Paulo reconheça a existência de 50 a 70 mil imigrantes clandestinos. Dentre os seus membros, estima-se que um terço se constitui de profissionais liberais, comerciantes e donos de oficina, enquanto dois terços representam trabalhadores clandestinos, que ocupam a função de costureiros em oficinas de confecção.

A Bolívia é um pólo de emigração de mão-de-obra, pela baixa expectativa de desenvolvimento que se origina de sua estrutura social e econômica, pela instabilidade política e pela miséria de determinadas regiões. O Brasil e a Argentina são pólos receptores dos emigrantes mais pobres, devido ao menor custo de transporte e a extensa fronteira que separa a Bolívia dos dois países.

Na década de 90, as sucessivas crises econômicas e sociais da Argentina redirecionaram e intensificaram o fluxo de emigração para o Brasil. A Pastoral dos Migrantes Latino-americanos e o Centro de Estudos Migratórios dão apoio aos clandestinos e mantêm informações para compreender o fluxo e as características da emigração dos andinos para o nosso país.

Por meio de entrevistas nessas duas instituições e com imigrantes bolivianos clandestinos, passamos a elaborar a tese de que a maioria dos imigrantes bolivianos que trabalha na condição de costureiro nas oficinas de confecção enfrenta o dilema de sujeitar-se ao tráfico humano para ambicionar melhores condições de vida.

Tradicionalmente, a indústria do vestuário se utiliza de mão-de-obra imigrante clandestina. A comunidade judia liderou

essa atividade na cidade de São Paulo ao longo do século XX até a década de 1970, iniciando a contratação de mão-de-obra coreana clandestina em torno de 1960.

Quando cessou o fluxo de emigração coreana, os empregadores do setor contrataram a mão-de-obra nordestina, que não se adaptou nem ao ritmo, nem às condições de trabalho, já que são cidadãos brasileiros e estão amparados pela legislação trabalhista.

Assim, a partir de meados da década de 80, a opção dos empregadores coreanos recaiu sobre o trabalhador boliviano. A sua procedência de regiões extremamente pobres, submissão, disposição para longas jornadas de trabalho e habilidade na costura e na tecelagem tornaram essa mão-de-obra extremamente atraente.

Vida clandestina

A entrada clandestina de emigrantes bolivianos aumentou ao longo dos anos de 1990. Os trabalhadores são recrutados



Nos eventos da comunidade boliviana, discursos políticos são comuns

nas cidades de Santa Cruz de la Sierra, La Paz e Cochabamba, que funcionam como pólos receptores dos emigrantes procedentes das regiões andinas mais pobres da Bolívia.

No início da viagem, o agenciador apreende os documentos dos emigrados. A viagem é realizada principalmente pelo Paraguai, mas pode ocorrer também por Corumbá ou pela região amazônica. Durante a espera, muitas vezes não há comida ou água. O trajeto até São Paulo é feito em ônibus fretado.

O emigrante é conduzido para um enclave étnico, onde é encerrado entre seus pares. O que vale é a sua relação de fidelidade e de reciprocidade com o agenciador e/ou empregador. Quem o trouxe pagou todos os gastos de seu transporte e o andino retribui sob a forma de trabalho. Desse modo, as relações entre os costureiros das oficinas de confecção e o empregador acabam caracterizadas como familiares ou de compadrio, estabelecendo-se e evoluindo em uma condição ambígua de fidelidade e de sobrexploração.

A relação tanto pode evoluir para o tipo servidão por dívida ou direcionar-se para uma convivência paternalista. Em nome da fidelidade e da possibilidade de trabalhar, o imigrante clandestino obedece a um contrato de trabalho verbal, no qual ele é remunerado por peça, totalizando um salário-hora muito abaixo da mão-de-obra local e exercendo uma jornada extensa de trabalho, que pode atingir 16 ou 18 horas por dia.

A atividade é clandestina. O trabalhador costura em um ambiente inadequado, em galpões sem janelas ou porões, respirando o pó gerado pela grande quantidade de tecido. Ele mora no mesmo local, dorme sobre um colchonete, que estende atrás de sua máquina de costura e conta apenas com um banheiro coletivo. A intensidade do trabalho, a má alimentação e a promiscuidade proporcionam um cenário propício para doenças, como a tuberculose, doenças sexualmente transmissíveis, bem como para gravidez precoce, entre outros agravos à saúde.



Na feira que se realiza aos domingos nas proximidades da estação Armênia do metrô, é possível encontrar produtos bolivianos



Nas barracas da feira dominical, um pouco de tudo

Medo do patrão

A anistia oferecida em 1998 pelo governo brasileiro para os imigrantes clandestinos atraiu profissionais liberais e outros imigrantes já estabilizados. Mas não sensibilizou a grande maioria dos clandestinos que trabalha nas oficinas de costura. Entre as razões, pelo medo de o patrão o denunciar à Polícia Federal ou ser demitido. O sonho de todo trabalhador que esta na oficina é juntar dinheiro, ficar no Brasil, continuar no ramo e tornar-se também um proprietário, dono de oficina.

Os trabalhadores bolivianos estabelecidos no país há mais tempo são recrutados em local público. Na Praça Kantuta, no Pari, proprietários de oficinas, na maioria bolivianos e coreanos, encontram trabalhadores andinos. E é em praça

pública que se fazem as contratações e estabelecem-se as remunerações.

O Brasil não está menos sujeito que os demais países do globo a esse tráfico de seres humanos. Hipoteticamente, estamos falando da existência dessas redes de tráfico que assolam todo o planeta, atuando num setor específico da economia brasileira, o ramo das confecções, no qual os proprietários, principalmente coreanos ou bolivianos, contratam recrutadores para incitar e motivar a vinda de trabalhadores com promessas de emprego, moradia, alimentação e bons salários.

* *Flávio Antonio Gomes de Azevedo* é pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais - Nupri/USP e editor da Revista *Carta Internacional*

AFRICANOS em busca da inserção social

Por Rosângela A. Hilário e Almir Volpi*

A imigração africana hoje – que busca aprimoramento dos estudos e inserção social – é muito diferente daquela que começou com as grandes navegações europeias. Mas, não há como tratar dos fluxos migratórios de africanos sem estabelecermos uma articulação histórica significativa como base para entendimento do contexto da população afrodescendente no Brasil e a sua parcela de contribuição para o desenvolvimento econômico do país.

A história econômica brasileira começa com as grandes navegações marítimas europeias.

Nessa época os reinos europeus necessitavam expandir seus domínios territoriais e conquistar novas rotas para o comércio. Entre os séculos XIV e XV, o processo mercantilista caracterizou-se pela facilidade do lucro e pela possibilidade de enriquecimento rápido dos Estados.

Portugal reconheceu no Brasil apenas uma fonte supridora ou fornecedora de matérias-primas e consumidora de produtos enviados pela metrópole e não desejava abordar a nova colônia como região para onde seria transferida a população.

A inserção da mão-de-obra negra no Brasil se dá mais precisamente no ciclo da cana-de-açúcar. A produção açucareira foi a solução que possibilitou a valorização econômica das terras descobertas e dessa forma garantiu a posse pelo povoamento da América Portuguesa. O cultivo da cana-de-açúcar desenvolveu-se no litoral, especialmente na Zona da Mata Nordestina. Esta atividade favoreceu o aparecimento de uma nova estrutura social e econômica. Durante mais de século e meio, a produção do açúcar representou, praticamente, a única base da economia brasileira.

A partir de 1530, começam a chegar os primeiros escravos africanos para trabalhar nas grandes fazendas e engenhos que estavam surgindo e se espalhando pelo Brasil. O tráfico negreiro era lucrativo para os portugueses, pois a cultura indígena tinha dificuldades para assimilar a produção e o cultivo de produtos em larga escala. Estes escravos se tornaram a grande massa trabalhadora na economia colonial até o final do século XIX. Estima-se que o número de escravos negros vindos da África, entre os anos 1550 a 1850, aproxima-se de oito milhões.

É importante perceber que, no mesmo instante em que as colônias portuguesas se ocupavam de mão-de-obra escrava, a Europa estava “libertando” seus trabalhadores num movimento em que os “servos” passavam a trabalhadores assalariados, deixando o campo e se dirigindo às cidades.

No Brasil deste período, muitos escravos fugiam e formavam os quilombos, onde eram livres e podiam seguir seus costumes, danças, religião etc. O maior quilombo foi o dos Palmares liderados por Zumbi, que ficava na Serra da Barriga, no atual Estado do Amazonas.

Nos primeiros anos do século XX, São Paulo passou por um processo de urbanização forçado, devido a sua vocação cosmopolita. Os fluxos de imigração começaram pelos imigrantes orientais e europeus, que detinham o conhecimento da tecnologia para o cultivo de novos produtos e a otimização do tempo para a agricultura. Neste período, os fluxos migratórios africanos sofreram uma queda.

A partir da década de 70, muitos países africanos conseguiram suas independências das metrópoles europeias. Este cenário nos permite pensar em vários motivos que levaram os africanos a deixar seus países de origem e se mudarem para São Paulo. São eles: a busca de jovens estudantes de países da CPLP – Comunidade de Países de

Língua Portuguesa – por melhores condições de ensino, fuga dos conflitos de poder e guerras tribais; busca por melhores condições de vida.

A partir dos primeiros anos da década de 90, a entrada de imigrantes africanos em São Paulo, sobretudo de angolanos e moçambicanos, começa a crescer. Segundo um relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), 75% dos refugiados existentes no Brasil, na década de 90, eram africanos. Os jovens que aportaram como estudantes conseguiram prolongar a sua permanência por meio de estratégias variadas, entre elas, o nascimento de filhos com brasileiros.

Muitos autores salientam a carência de fontes e estudos sobre a migração de origem africana para o Brasil, a qual se configura um fenômeno contemporâneo, justificando a ausência de material bibliográfico e de pesquisas. A grande imprensa não contribui para dirimir o grande preconceito existente na sociedade paulista em relação ao imigrante africano. Com frequência, costuma associá-lo a marginalidade, sobretudo no que tangencia ao tráfico de armas e de drogas.

Autores como do sociólogo senegalês Alain Pascal Kaly tratam destas questões, fazendo um paralelo entre os processos de desenvolvimento dos estudantes africanos, por meio de sua inserção nos cursos de graduação e pós-graduação das universidades de cinco capitais brasileiras e da abordagem do racismo, a partir dos estereótipos desenvolvidos em relação à África e aos processos de adaptação dos mesmos no sistema formal de ensino brasileiro.

A população de africanos em São Paulo é composta por pessoas que vêm para o país sozinhas ou com suas famílias, com o intuito de melhorar suas condições de vida, dar continuidade aos estudos delas ou de seus filhos. Os demais membros da família se dedicam ao trabalho para a manutenção do sonho de dias melhores. Os africanos residentes na cidade paulistana procuram diferentes caminhos de inserção nas estruturas básicas de vida e do micropoder social.

** Rosângela A. Hilário, Mestre em Educação e Diretora de Graduação da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares e Almir Volpi, Doutor em relações internacionais e Coordenador do Curso de Administração da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares.*



Imigrantes africanos enfrentam preconceito na busca de inserção social

PARA SER GRANDE É PRECISO SABER PRESERVAR.



A Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) reconhece a importância estratégica do alumínio primário no Brasil porque representa um dos setores mais importantes. Por meio de seus investimentos em programas de preservação e conservação ambiental e de utilização de tecnologia de ponta para tratamento de seus efluentes líquidos, gases e resíduos sólidos, bem como no investimento de seus fornecedores, a CBA dá um passo a mais que é possível fazer pelas futuras gerações. Tanto em sua fábrica, em Marabá, SP, quanto em suas várias subsidiárias e unidades de mineração, a CBA dá o exemplo constante em respeito ambiental e à preservação da melhoria da qualidade de vida para todos os públicos com os quais se relaciona. É assim que a CBA respeita o seu papel. E é assim muito orgulho que trabalha para fazer do Brasil um país cada vez melhor, ajudando-o a preservar o que ele tem de melhor: a sua paisagem natural.



Companhia Brasileira de Alumínio



CBA | HÁ MAIS DE 50 ANOS CRESCENDO COM RESPONSABILIDADE.

O CENTRO É A MARCA DA CIDADE. COLOQUE TAMBÉM A SUA MARCA NO CENTRO.

No mundo inteiro, o centro confere identidade e marca às metrópoles.

Com o apoio de importantes empresas e organizações da sociedade civil, a Associação Viva o Centro vem colaborando com os poderes públicos na recuperação e na requalificação do Centro de São Paulo.

Coloque também a marca de sua organização nessa história de sucesso.

Associe-se à Viva o Centro.



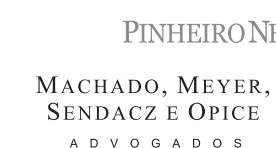
Viva o Centro
São Paulo

Rua Líbero Badaró, 425
4º andar – Centro – São Paulo/SP
CEP 01009-000

Fone: (11) 3556-8999

www.vivaocentro.org.br

Principais Patrocinadores

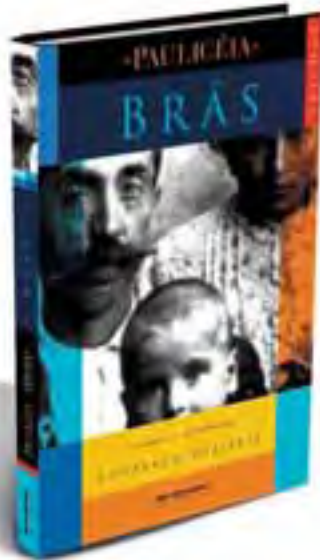


Apoio Operacional



PINHEIRO NETO ADVOGADOS





Um bairro marcado pela presença de imigrantes

BRÁS – SOTAQUES E DESMEMÓRIAS – COLEÇÃO PAULICÉIA
de Lourenço Diaféria

Editora: Boitempo, 2002, 200 págs.

O Brás talvez seja o bairro paulistano mais retratado em histórias, fotos, filmes, memórias, músicas e outras narrativas. Porta de entrada de estrangeiros, que tinham sua primeira parada na Hospedaria dos Imigrantes, prédio hoje transformado em um museu que registra a história dos movimentos migratórios, o Brás é também o berço do mais popular esporte brasileiro, o futebol. Foi lá que nasceu Charles Miller, paulistano filho e neto de ingleses que, ao voltar de seus anos de estudo na Inglaterra, trouxe ao Brasil as primeiras bolas de “capotão” com as quais ensinaria as poucas regras do “esporte bretão” aos funcionários da primeira ferrovia paulista, a São Paulo Railway, onde iria trabalhar.

O escritor e jornalista Lourenço Diaféria, ao retratar o bairro do Brás, evita atribuir-se o papel de historiador ou de sociólogo. Prefere o registro em forma de testemunho, e apresenta ao leitor um pedaço vasto e extremamente pessoal de São Paulo, sem falsos sentimentalismos ou saudosismos. Percorre as ruas da região com a mesma sem-cerimônia com que descreve as pernas de Isaurinha Garcia, os milagres do Padre Eustáquio, o assassinato do sapateiro Martinez durante a greve de 1917, as pizzas do famoso restaurante Castelões e as lojas da rua do Gasômetro. Lourenço evita o pitoresco, o típico e o exótico. Com simplicidade e leveza, revê o lugar em que nasceu com os mesmos olhos do garoto que não fazia idéia de que aquilo fôsse

um bairro. Não por acaso, prefere chamar suas lembranças de desmemórias e destaca a sonoridade dos diferentes sotaques do bairro, para registrar as falas e as vidas dos muitos homens e mulheres, desde os portugueses, espanhóis e italianos dos primeiros anos do século XX até os nordestinos de tempos mais recentes, que ajudaram a fazer do Brás um lugar que é redescoberto e recriado pelo texto sensível de Lourenço Diaféria.

Entre os imigrantes que marcaram o bairro, os italianos são os que mais se destacaram. Aqueles que não queriam trabalhar nas lavouras de café, ficavam na Capital e abriam um pequeno comércio para sustento da família. Depois, vieram os nordestinos, fugindo das secas que assolavam a região. Eles desembarcavam na Estação Roosevelt que, com o tempo, passou a ser conhecida como estação Norte.

O livro tem fotos antigas e recentes do bairro. Passeando por esse mosaico, o leitor conhece um pouco mais sobre a sua história e sua gente. Gente como o compositor Adoniran Barbosa, filho de imigrantes italianos, que compôs em homenagem ao bairro o “Samba do Arnesto”. Na memória de cada paulistano ainda reside a letra: “O Arnesto nus convidô. Prum samba ele mora no Brás. Nós fumo e num incontremu ninguém. Nós vortemos cuma baita duma réiva. Da outra veis nós num vai mais”.

Como enfrentar os desafios da urbanização

**PLANEJAMENTO URBANO NO BRASIL:
TRAJETÓRIA, AVANÇOS E PERSPECTIVAS**

de Geraldo Magela Costa e Jupira Gomes de Mendonça

Editora: C/ Arte, 2008, 304 págs.



Lançado recentemente, o livro “Planejamento urbano no Brasil: trajetória, avanços e perspectivas” é resultado de pesquisas realizadas por professores universitários e profissionais que atuam nas áreas de planejamento, política ambiental, legislação urbanística e gestão das cidades, apresentadas em um seminário realizado em abril de 2006, em Belo Horizonte. Organizado por Geraldo Magela Costa e Jupira Gomes de Mendonça, a obra reúne 14 artigos sob três eixos temáticos: “Trajetórias e perspectivas”, “Avanços e limites” e “Avaliações de uma experiência: o caso de Belo Horizonte”.

Em seu prefácio, Ana Clara Torres Ribeiro, comenta que o livro apóia, com fortes subsídios, a reflexão dos desafios enfrentados pelo planejamento urbano comprometido com o alcance de um futuro mais justo. Entre estes desafios, encontra-se a articulação da análise crítica do espaço à experiência urbana do presente. Hoje, heranças institucionais, práticas profissionais e investimentos disciplinares no estudo da urbanização recebem impactos oriundos da transformação das funções urbanas; da reorganização da administração pública; de novas necessidades coletivas; da reestruturação produtiva e, ainda, de tendências à involução metropolitana decorrentes da reconfiguração do território e do esgarçamento do tecido urbano. Estes processos inauguram um período instável, no qual podem acontecer efetivas conquistas sociais e, simultaneamente, perdas institucionais irreversíveis, incluindo as relacionadas à memória do planejamento urbano.

As grandes entradas temáticas que constroem a arquitetura deste livro demonstram que seus organizadores tratam a instabilidade e a complexidade da área do planejamento urbano por meio dos nexos entre urbanização e transformação da esfera política. Estas entradas (planos analíticos) garantem que a reflexão do planejamento urbano usufrua tanto da análise de experiências pretéritas quanto do acompanhamento das novas condições político-jurídicas das intervenções urbanas. O livro ainda inova, ao permitir que estes dois ângulos de observação da trajetória do planejamento urbano – teórico e prático – sejam integrados à observação de um contexto particular, a metrópole de Belo Horizonte, o que possibilita a interpretação da força do lugar e de sua capacidade propositiva na redefinição, em curso, dos sentidos do planejamento.

Ao leitor, encontra-se aberta a possibilidade de estabelecer o seu próprio percurso na leitura do fenômeno urbano construída por esta coletânea. Um percurso a ser iniciado, talvez, pela busca de respostas para suas preocupações mais imediatas, ou, numa outra perspectiva, por textos que permitam interrogar a sua prática profissional e política. Independentemente da escolha realizada, o conhecimento obtido resistirá à perda da esperança numa vida urbana melhor. Esta esperança encontra sustento na vitalidade da área do planejamento urbano e, sobretudo, nas forças sociais envolvidas nas reivindicações coletivas.

Globalização, redes urbanas e as várias “São Paulo”

Confira as obras que tratam da vida nas cidades. Nelas estão a face globalizada de São Paulo, uma nova visão das atividades de gestão urbana e a importância da militância dos cidadãos nos seus bairros, um extenso levantamento de obras de arte por todo o Brasil e um estudo sobre temas como população, urbanização e migração.



SÃO PAULO, CIDADE GLOBAL – FUNDAMENTOS FINANCEIROS DE UMA MIRAGEM

Mariana Fix

Boitempo Editorial

Na marginal do Rio Pinheiros pode ser observada uma nova e reluzente fachada globalizada de São Paulo: arranha-céus, shoppings, hotéis, casas de espetáculo, empreendimentos multiuso, condomínios verticais de altíssimo padrão. Uma nova paisagem que pouco deve ao skyline de outras cidades na rota dos negócios internacionais. Em “São Paulo cidade global - Fundamentos financeiros de uma miragem”, a urbanista Mariana Fix ajuda a compreender como surgiu esta “nova São Paulo”: as conexões entre capital imobiliário e financeiro; as parcerias público-privadas e as novas formas de exclusão social deste modelo.

EMPREENDEDORISMO URBANO

Rose Compans

Editora UNESP

Neste livro, Rose aborda temas como a promoção do desenvolvimento econômico, participação do setor privado na gestão de serviços e equipamentos públicos, consenso social em torno de prioridades estratégicas de investimentos e a introdução de uma racionalidade empresarial na administração dos negócios públicos. Em relação profunda com o debate intelectual sobre o futuro das metrópoles, revela os meandros de uma corrente de pensamento que transforma cidades em “empresas”; equipamentos, serviços e trabalhadores em “mercadorias”; e o relacionamento entre o público e o privado em, simplesmente, “competitividade”.

REINVENTE SEU BAIRRO – CAMINHOS PARA VOCÊ PARTICIPAR DO PLANEJAMENTO DE SUA CIDADE

Candido Malta Campos Filho

Editora 34

Esse livro é um instrumento valioso para a alfabetização urbana, escrito por Candido Malta, que vive na alma e na mente as cidades no geral e São Paulo em particular. O texto reflete fielmente seu criador, um sofisticado pensador, professor universitário, mas também um militante comunitário, que carrega a bagagem de serviços prestados na área públi-

ca. Combinam-se, assim, o abstrato das elaborações teóricas com a prática, o cotidiano das ruas. O autor apresenta, em linguagem direta e acessível, os processos que regem a configuração dos tecidos urbanos das cidades. Discute os instrumentos que temos ou devemos criar para reinventar o espaço em que vivemos, tendo como pano de fundo o novo Plano Diretor de São Paulo. É uma leitura indispensável para os brasileiros, imersos no caos urbano, conscientes de que, sem a articulação comunitária, os governos não conseguirão enfrentar os desafios.

PAISAGENS CONSTRUÍDAS

Vários autores

Empresa das Artes

Para realizar este livro, os autores percorreram cerca de vinte mil quilômetros pelo Brasil, visitando 16 estados, em quase dois meses de pesquisa e registro fotográfico. De Porto Alegre a Belém, do coloquial ao moderno, das obras de arquitetos renomados ao trabalho de artistas anônimos, eles revelam o rico patrimônio histórico e cultural brasileiro. O livro apresenta um panorama atualizado da arquitetura nacional, em que se notam influências externas e uma rica mistura de estilos e tendências. As fotos do arquiteto Stepan Norair Chahinian, junto às de outros profissionais renomados, aliam-se ao texto ágil e informativo.

ESPACIALIDADES EM REDE – POPULAÇÃO, URBANIZAÇÃO E MIGRAÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Ralfó Matos

C / Arte

O combate às desigualdades sociais justifica a existência de diferentes formas de se estudar o Brasil. Para tanto é indispensável enxergá-lo sob distintas escalas geográficas, o que requer a colaboração de muitos e o exercício da interdisciplinaridade paciente. A tarefa é desafiadora porque sempre fomos mundializados, mas também repletos de grotões, fronteiras, lugares ermos e distantes, nos quais a urbanização do século XX lançou as luzes da modernidade. Por essas redes fluem a socioeconomia, a diversidade ambiental, a pluralidade cultural e as segmentações sistêmicas promotoras de pobreza e exclusão.



A história do Centro é feita de grandes nomes. E o seu futuro também.

ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO

Entidade declarada de Utilidade Pública Federal por Decreto de 09 de março de 2000 (DOU de 10/03/2000) – Auditada pela PriceWaterhouse Auditores Independentes www.vivaocentro.org.br

ASSOCIADOS

Administração e Representação Telles • Agromont Administração de Bens e Participações • Agropecuária Juruá • Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI • Associação Brasileira de Designers de Interiores – ABDI • Associação Brasileira de Empresas de Serviços Especiais de Engenharia • Associação Brasileira de Gastronomia, Hospitalidade e Turismo - ABRESI • Associação Brasileira de Pedestres – ABRASPE • Associação Brasileira dos Fotógrafos de Publicidade – ABRAFOTO • Associação Comercial de São Paulo – ACSP • Associação Cristã de Moços de São Paulo – ACM/CENTRO • Associação das Empresas Distribuidoras de Valores – ADEVAL • Associação de Comerciantes, Empresários e Liberais do Centro de São Paulo – ACELCESP • Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Associação dos Bancos no Estado de São Paulo – ASSOBEPS • Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – ADVB • Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo • Associação dos Lojistas da Florência de Abreu – ALFA • Associação dos Oficiais de Justiça do Estado de São Paulo – AOJESP • Associação Nacional das Corretoras de Valores, Câmbio e Mercadorias – ANCOR • Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – ACREFI • Associação Paulista do Ministério Público – APMP • Bairro Vivo – Agência de Preservação Urbana • Banco Itaú • Banco Nossa Caixa • Banco Real • Banco Safra • Banco Santander • Bar Brahma • Biblioteca Mário de Andrade • BM&F Bovespa • Bronzeri & Marinho Desenvolvimento Econômico • Caixa de Assistência dos Advogados de São Paulo – CAASP • Câmara Interbancária de Pagamentos – CIP • Cartório Medeiros • Casa da Bóia • Casas Bahia • Celso Figueiredo Filho • Centro Acadêmico “XI de Agosto” • Centro de Estudos das Sociedades de Advogados - CESA • Centro Universitário Belas Artes • Centro Vivo Revitalização de Imóveis • Cia Brasileira de Alumínio - CBA • Cia Central de Importação e Exportação – CONCENTRAL • Cia do Metropolitano de São Paulo – METRÔ • Cia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM • Círculo Italiano – San Paolo • Colégio de São Bento de São Paulo • Condomínio Edifício Mercantil Finasa • Congregação Israelita de São Paulo/Templo Beth-El • Construtora Miguel Curi • Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo • Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo – EMPLASA • Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo – EMTU • Escola Estadual de São Paulo • Escritório Fralino Sica • Estapar Estacionamentos • Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo • Federação

Brasileira das Associações de Bancos – FEBRABAN • Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP • Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de São Paulo – FHORESP • Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO • Federação Interestadual das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – FENACREFI • Fundação Escola de Comércio “Álvares Penteado” - FECAP • Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP • Granadeiro Guimarães Advogados • Grupo Lund de Editoras Associadas • Igreja do Beato Anchieta • Inspetoria Salesiana de São Paulo • Instituto dos Advogados de São Paulo – IASP • Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB/SP • Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – IHGSP • Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa - IPEP • International Police Association – IPA • Ituana Agropecuária • José Eduardo Loureiro • José Rodolpho Perazzolo • Klabin • Lencioni Advogados Associados • Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo - LAO • Logos Engenharia • Machado, Meyer, Sendacz e Ópice – Advogados • Messina, Martins e Lencioni Advogados Associados • Mosteiro de São Bento de São Paulo • Museu da Cidade de São Paulo • Museu Pe. Anchieta • Ordem dos Advogados do Brasil - OAB/SP • Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Santa Ifigênia • Paróquia Nossa Senhora da Consolação • Pellegrino e Associados Engenharia • Pinheiro Neto – Advogados • Pioneer Corretora de Câmbio • Polícia Civil do Estado de São Paulo - DEATUR • Polícia Militar do Estado de São Paulo - 7o BPM-M • Pricewaterhouse-Coopers Auditores Independentes • Rotary Club de São Paulo – República • São Paulo Convention & Visitors Bureau - SPC&VB • Savoy Imobiliária e Construtora • Secretaria de Estado da Educação • Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania • Secretaria de Estado dos Transportes Metropolitanos • Serviço Social do Comércio - SESC CARMO • Sindicato das Sociedades de Advogados dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro • Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo – SINHORES • Sindicato dos Empregados em Edifícios de São Paulo – SINDIFÍCIOS • Sindicato dos Comerciantes de São Paulo • Sindicato dos Bancários e Financeiros de SP, Osasco e Região • Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP • Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva – SINAENCO • Sonia Marques Dobler – Advogados • Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades de São Paulo – SUTACO • Theatro Municipal de São Paulo • Terraço Itália Restaurante • TozziniFreire Advogados • Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo • Trides Cia. Imobiliária Administradora • Uniesp • Universidade Anhembi Morumbi • Universidade de Guarulhos – UNG.

SEDE

Rua Líbero Badaró, 425 - 4º andar – Centro – São Paulo – SP
CEP 01009-000 – Fone 3556-8999 – Fax 3556-8980
e-mail: avc@vivaocentro.org.br

CONSELHO DIRETOR 2007/2009

Presidente

Henrique de Campos Meirelles

Vice-Presidentes

Milton Luiz de Melo Santos

Banco Nossa Caixa S.A.

Ricardo Terenzi Neuenschwander

Banco Itaú S.A.

Roberto Mateus Ordine

Associação Comercial de São Paulo – ACSP

Secretário

Luís Eduardo Ramos Lisbôa

Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI

Tesoureiro

José David Martins Jr.

BM&F Bovespa

Controlador

Elzo Aparecido Barroso

Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA

Conselheiros sem designação específica (em ordem alfabética)

Abram Abe Szajman – Federação do comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO • Agostinho Turbian – Federação Nacional das Associações dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – FENADVB • Alberto Gosson Jorge Jr. – Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Alencar Burti – Associação Comercial de São Paulo – ACSP • Alencar Costa – Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo – FHORESP • Antonio Jacinto Matias – Banco Itaú S.A. • Arnaldo Antonio Martino – Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB/SP • Arnaldo Borgia – Serasa • Carlos Alberto Contieri, S.J. – Museu Padre Anchieta • Celso Cintra Mori – Pinheiro Neto Advogados • Celso Figueiredo Filho – Grupo Figueiredo • Clemência Beatriz Wolthers • Clodomiro Vergueiro Porto Filho – Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/SP • Danilo Santos de Miranda – Serviço Social do Comércio – SESC • Domingos Fernando Refinetti – Machado, Meyer, Sendacz e Ópice Advogados – MMSO • Érico Sodré Quirino

Ferreira – Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento • ACREFI • Gabriel Mário Rodrigues – Universidade Anhembi Morumbi • Guilherme Afif Domingos • João Baptista de Oliveira – Associação Paulista de Imprensa – API e Sociedade Amigos da Cidade • João Grandino Rodas – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo • José Geraldo Barreto Fonseca – Tribunal de Justiça de São Paulo • Manoel Félix Cintra Neto – Bolsa de Mercadorias e Futuros – BM&F • Manoel Francisco Pires da Costa – Fundação Bial de São Paulo • Márcio Kayatt – Associação dos Advogados de São Paulo – AASP • Matthias Tolentino Braga, Dom – Mosteiro de São Bento de São Paulo • Maurício Granadeiro Guimarães – Granadeiro Guimarães Advogados • Miguel Alberto Ignatios – Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – ADVB • Miguel Sampol Pou – Klabin • Nelly Martins Ferreira Candeias – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – IHGSP • Nelson de Abreu Pinto – Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo – SINHORES • Ney Castro Alves – Associação das Empresas Distribuidoras de Valores – ADEVAL • Orlando de Souza – São Paulo Convention & Visitors Bureau – SPCVB • Paulo Antonio Gomes Cardim – Centro Universitário Belas Artes • Paulo Ney Fraga de Sales • Raymundo Magliano Filho – Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA • Ricardo Patah – Sindicato dos Comerciantes de São Paulo • Sônia Maria Gianinni Marques Dobler – Sônia Marques Dobler – Advogados • Waldemiro Antonio dos Santos – Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO

CONSELHO FISCAL

José Heleno Mariano – Sindicato dos Contabilistas de São Paulo
José Joaquim Boarin – Sindicato dos Empregados em Edifícios de São Paulo – Sindifícios
José Maria Giaretta Camargo – Sindicato dos Contabilistas de São Paulo

ADMINISTRAÇÃO

Superintendente Geral: Marco Antonio Ramos de Almeida
Consultor: Jorge da Cunha Lima
Assessor Executivo: Antonio José Ayres Guidetti Zagatto

COORDENADORES DE ÁREA

Administrativa e Financeira – Cristina Café Fernandes
Apoio às Ações Locais – Teresinha Santana
Apoio Técnico – Tatiane S. Santa Rosa
Editoração e Imprensa – Ana Maria Ciccacio

Conheça mais e saiba como participar acessando o site: www.vivaocentro.org.br

Principais Patrocinadores



Companhia Brasileira de Alumínio
Votorantim



Sua Universidade. Sua Carreira.
0800 15 88 22 | www.ung.br



Laureate International Universities
Mundialmente criativa e inovadora



Banco Safra



MACHADO, MEYER,
SENDACZ E OPICE
ADVOGADOS

PINHEIRO NETO ADVOGADOS



Apoio Operacional



PINHEIRO NETO ADVOGADOS



SIMULADOR BM&FBOVESPA: O MERCADO DE FUTUROS ESTÁ PENSANDO EM SEU FUTURO NO MERCADO.

VOCÊ NÃO PRECISA INVESTIR SEU DINHEIRO PARA APRENDER A OPERAR NO MERCADO. O simulador BM&FBOVESPA é uma excelente ferramenta para você entender o mercado de derivativos operando direto do seu computador. Nele, você faz minicontratos de IBOVESPA, Dólar, DI, Boi Gordo, Café Arábica, Milho e Soja com um crédito fictício e cotações reais. Você aprende tudo sobre o mercado sem arriscar seu capital. E os investidores com melhor rentabilidade de cada quadrimestre e do ano ganham bolsas de estudos no Instituto Educacional e prêmios como iPods, Notebooks e Assinaturas do Jornal Valor Econômico. Consulte regulamento completo e faça sua inscrição no simulador.bmf.com.br

BM&FBOVESPA
A Nova Bolsa 